



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Lawandala Gomes Silva

**MEMÓRIAS DA PESCA ARTESANAL NA VIDA DAS
MULHERES RIBEIRINHAS EM ESPERANTINA-
TOCANTINS**

TOCANTINÓPOLIS-TO
2023

Lawandala Gomes Silva

**MEMÓRIAS DA PESCA ARTESANAL NA VIDA DAS
MULHERES RIBEIRINHAS NO MUNICÍPIO DE
ESPERANTINA- TOCANTINS**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação da Prof. Dr^a. Lisiane Costa Claro e coorientação da Prof^a. Dr^a. Cássia Ferreira Miranda.

TOCANTINÓPOLIS-TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G633m Gomes Silva, Lawandala.
MEMÓRIAS DA PESCA ARTESANAL NA VIDA DAS MULHERES
RIBEIRINHAS EM ESPERANTINA- TOCANTINS. / Lawandala Gomes Silva.
– Tocantinópolis, TO, 2023.
68 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2023.
Orientador: Lisiane Costa Claro
Coorientador: Cássia Ferreira Miranda

1. Educação do Campo. 2. Pescadoras. 3. Rio Tocantins. 4. Bico do
Papagaio. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

LAWANDALA GOMES SILVA

MEMÓRIA DA PESCA ARTESANAL NA VIDA DAS MULHERES RIBEIRINHAS EM ESPERANTINA - TOCANTINS

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 18 / 12 / 2023.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 LISIANE COSTA CLARO
Data: 11/03/2024 21:28:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dr. Lisiane Costa Claro, UFNT/UNIPAMPA

Documento assinado digitalmente
 IARA RODRIGUES DA SILVA
Data: 12/03/2024 06:42:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Ma. Iara Rodrigues da Silva, UFNT

Documento assinado digitalmente
 GUSTAVO CUNHA DE ARAUJO
Data: 12/03/2024 08:02:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Gustavo Cunha de Araújo, UFNT

Tocantinópolis, 2023

Este trabalho é todo dedicado às pescadoras do Rio Tocantins, à minha amada família e a todos e todas que colaboraram e me motivaram nessa trajetória...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado saúde, forças e coragem durante toda esta longa trajetória, cheia de desafios, mas, com muitas conquistas. Quero agradecer a minha querida mãe, Luziene Conceição da Silva que não deixou de acreditar em mim, e ao meu querido pai Ernaldo Gomes da Silva e minha irmã Elloãh Maysa Gomes Silva que sempre me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos. Quero agradecer a professora Iara Rodrigues, que me incentivou para prestar o vestibular do curso de Educação do campo e que esteve sempre presente nessa minha carreira acadêmica, ajudando e incentivando constantemente.

Agradeço também à minha orientadora Dr^a. Lisiane Costa Claro e coorientadora Dr^a. Cássia Ferreira Miranda pelas orientações, apoio e paciência durante esse percurso, sempre estavam dispostas a me ouvir tirando minhas dúvidas e me mostrando caminhos para seguir adiante. São excelentes profissionais que admiro muito. Agradeço também aos professores da minha banca por terem aceitado o convite de participar desse momento.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA) onde debatia textos e aprendia muito a partir dos olhares de todos e todas. Também quero agradecer à Universidade Federal do Norte do Tocantins e a todos os professores e professoras do curso Licenciatura em Educação do Campo por partilhar os seus conhecimentos e pela elevada qualidade do ensino oferecido e à minha turma pelas trocas de experiências. Na Universidade construí diversas amizades dentre elas foi formado o grupo das Luluzetes com quem partilhava algumas emoções da Universidade na elaboração dos trabalhos em grupo, esse grupo era composto por mim, Rosane Gomes, Tainã Miranda, Maria Regina e Aline dos Santos, colegas, amigas, companheiras de turma que estarão sempre em minhas lembranças. Agradeço a Laura Beatriz, Luciuma, Zuleide, Marco Antônio, Fábio e Angélica que nos momentos mais difíceis estiveram ao meu lado.

Minha gratidão às pescadoras que se disponibilizaram a falar das suas trajetórias de vidas e que contribuíram para realização deste trabalho. Não poderia deixar de agradecer também em nome da professora e ex-diretora da Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio Padre Josimo - EFABIP, a Sr^a. Suely Carvalho Lima, que abriu as portas da EFABIP para a realização dos meus estágios e participar de diversos eventos que contribuíram muito na minha trajetória acadêmica e que sempre esteve à disposição para o que eu precisasse.

Enfim, agradeço a todos e todas que estiveram presentes durante esta caminhada de diversos desafios e aprendizados. Aprendi muito com cada um de vocês!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender com base nas histórias de vida das mulheres ribeirinhas que atuam com a pesca artesanal na cidade de Esperantina- TO, as representações advindas de suas vivências com o Rio Tocantins, bem como a relação de gênero vivenciada por elas. Para realização deste estudo é utilizada a abordagem qualitativa com foco na metodologia de História Oral. Os roteiros de entrevistas foram construídos visando a compreensão da importância da pesca artesanal no Rio Tocantins, dos diferentes significados e representações que essa atividade adquire nas memórias das pescadoras, e, dessa forma, as diferentes identidades que se constroem em torno e com o Rio Tocantins. Para essas análises foram utilizadas como aporte teórico a perspectiva da História Cultural, História Oral e sua relação com a Memória. São analisadas três entrevistas com pescadoras que atuam na região de Esperantina e estão vinculados à Colônia de Pescadores Z-21. O estudo possibilitou compreender que o ofício da pesca é apreendido muito cedo, desde a infância e/ou juventude, geralmente com familiares e amigos, sendo um aprendizado passado de geração em geração. Além disso, devido às dificuldades encontradas na profissão, as pescadoras relatam que algumas das suas filhas e dos filhos pescam apenas como lazer. Também ficou evidente que o Rio Tocantins é um aspecto definitivo na identidade dessas pescadoras, sendo o principal meio de sobrevivência de suas famílias. Concluiu-se também, que houve mudança da vida na pesca em Esperantina, a qual é atribuída às construções das Hidrelétricas, que provocaram alterações nos ciclos naturais das águas do Rio, levando à escassez dos peixes e provocando um grande impacto na geração de renda e na vida das pescadoras. O estudo contribui para a construção e preservação da memória de Esperantina, em especial, para as reflexões acerca da importância do Rio Tocantins para os que vivem à sua volta e para a valorização das memórias e da atuação das pescadoras da região pesquisada.

Palavras-chave: Educação do campo; Gênero; Pescadoras; Rio Tocantins; Bico do Papagaio.

ABSTRACT

This work aims to understand, based on the life stories of riverside women who work with artisanal fishing in the city of Esperantina-TO, the representations arising from their experiences with the Tocantins River, as well as the gender relationship experienced by them. To carry out this study, a qualitative approach was used with a focus on Oral History methodology. The interview scripts were constructed aiming to understand the importance of artisanal fishing on the Tocantins River, the different meanings and representations that this activity acquires in the memories of fisherwomen, and, in this way, the different identities that are constructed around and with the Tocantins River. . For these analyses, the perspective of Cultural History, Oral History and their relationship with Memory were used as theoretical support. Three interviews with fisherwomen who work in the Esperantina region and are linked to the Z-21 Fisherman's Colony are analyzed. The study made it possible to understand that the craft of fishing is learned very early, from childhood and/or youth, generally with family and friends, and is a learning process passed down from generation to generation. Furthermore, due to the difficulties encountered in the profession, fisherwomen report that some of their daughters and sons fish only for leisure. It was also evident that the Tocantins River is a definitive aspect in the identity of these fisherwomen, being the main means of survival for their families. It was also concluded that there was a change in fishing life in Esperantina, which is attributed to the construction of hydroelectric plants, which caused changes in the natural cycles of the river's waters, leading to a scarcity of fish and causing a major impact on income generation and in the lives of fisherwomen. The study contributes to the construction and preservation of Esperantina's memory, in particular, to reflections on the importance of the Tocantins River for those who live around it and to the appreciation of the memories and activities of fisherwomen in the researched region.

Keywords: Rural education; Gender; Fisherwomen; Tocantins River; Parrot's Beak.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E IMAGENS

Figura 1- Mapa do Estado do Tocantins, indicando o Município de Esperantina -TO...15	
Foto 1- O espetáculo do Pôr do sol às margens do Rio Tocantins - Esperantina-TO....55	
Foto 2- A pesca do arrasto no Rio Tocantins - Esperantina - TO.....56	
Foto 3 - Mulheres na Pesca Artesanal - Esperantina - TO.....57	
Foto 4 - A Pesca Artesanal entre Familiares - Esperantina - TO.....58	
Foto 5 - Abertura da Rede de Pesca Artesanal - Esperantina - TO.....59	
Foto 6 - Espécies de peixes capturados - Esperantina - TO.....60	
Foto 7 - Desembarço da Rede de Pesca Artesanal - Esperantina - TO.....61	
Foto 8 - Retirada da Rede de Pesca Artesanal - Esperantina - TO.....62	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EFABIP	Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio Pe. Josimo
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
GEPHEA	Grupo de Estudo e Pesquisa em História Educação e Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura
RGP	Registro Geral da Pesca
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	13
2.1 História cultural.....	13
2.2 História oral e memória	14
2.3 Questões de gênero.....	18
2.4 Local de estudo: O rio Tocantins e a cidade de Esperantina - to	19
2.5 Etapas e procedimentos	21
3 O GÊNERO FEMININO E A PESCA ARTESANAL	23
3.1 Os estudos de gênero	23
3.2 Processos de (in)visibilidade da figura feminina na pesca artesanal.....	25
4 EXPERIÊNCIAS COM A PESCA NA COMUNIDADE DE ESPERANTINA - TO ..	35
4.1 Biografia das entrevistadas	36
4.2 Relação com a comunidade e o trabalho com a pesca artesanal no rio Tocantins a partir dos relatos das pescadoras	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Este estudo intitulado *Memórias da pesca Artesanal na vida das mulheres Ribeirinhas no município de Esperantina - TO* tem como objetivo geral compreender com base nas histórias de vida de mulheres ribeirinhas no município de Esperantina-TO, as representações advindas de suas vivências com o rio Tocantins e as relações de gênero vivenciadas por elas, e objetivos específicos: Reconhecer a contribuição da mulher na pesca artesanal da comunidade e as formas de atuação das mulheres na atividade pesqueira; Registrar a trajetória de luta das mulheres ribeirinhas considerando as desigualdades de gênero e compreender a importância dessa atividade para a vida das pescadoras e suas famílias.

As mulheres ribeirinhas se dedicam em diversas atividades para a subsistência da família. Estão presentes nas atividades da agricultura, caça, pesca e colheita, além das atividades domésticas e no cuidado da família. As múltiplas tarefas realizadas são vistas como aumento de responsabilidade ao segmento feminino que ocorrem em tempo integral. As atividades produtivas partem de uma construção sociocultural de divisão de tarefas, que oculta e inferioriza o trabalho feminino, onde o papel da mulher na economia doméstica é designado como uma ajuda, mesmo sendo fundamental à família. Nas diferentes tarefas que realizam, é vista a proximidade das relações das mulheres com o ambiente e seus recursos, na captação e gestão dos recursos naturais e na produção e reprodução. (MACHADO, 2007; MANESCHY, 1995; VIEIRA et al., 2013; VIEIRA; SIQUEIRA; PAOLO, 2014).

Esta pesquisa foi realizada enquanto Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música do campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em processo de transição para a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Desde o ano de 2019, os Campus de Araguaína e Tocantinópolis compõem a nova universidade.

A minha vivência com o Rio Tocantins começou desde muito cedo, nasci e cresci na cidade de Esperantina-TO, que tem divisa com o rio Araguaia. Mas foi a partir do ingresso no curso de Educação do Campo: Habilitação em Artes e Música, que tive um maior contato com os estudos que envolvem as diferentes comunidades tradicionais e que me despertou o interesse pelas histórias dos povos destas comunidades.

Ao participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA), tive a oportunidade de aprofundar mais as leituras e discussões sobre essa temática.

Além disso, o centro de interesse também se fortaleceu ao participar de eventos com diversas atividades de participação das mulheres pescadoras e vinculadas ao Campo, como por exemplo: feiras agroecológicas, formações em políticas públicas, rodas de conversas, feira de ciências, estágios supervisionados realizados na Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio Pe. Josimo (EFABIP). Nestes espaços também tive contribuições significativas na minha formação inicial acadêmica, as quais fortaleceram o desenvolvimento de um olhar investigativo. A partir das reflexões construídas nessas experiências, surgiu este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A escolha pelo tema ocorreu, portanto, pela proximidade que sinto em relação à temática das mulheres ribeirinhas, estando diretamente vinculada à minha vivência de maneiras diversas. Além de residir no mesmo contexto geográfico da pesquisa – a cidade de Esperantina-TO – tenho frequente contato e convivência com mulheres pescadoras da cidade. Esta relação despertou-me para buscar conhecer mais sobre suas histórias relacionadas ao trabalho da pesca, sobre qual a importância da pesca artesanal na vida das mulheres ribeirinhas e como reagem a um contexto marcado pelas desigualdades de gênero.

Assim, o que instigou a realização desta pesquisa, foi o desejo de registrar e entender as relações de vida e sobrevivência que as pescadoras constroem com o Rio Tocantins. Colaborando, assim, para construção e conservação da memória e para a valorização das trajetórias de vidas das mulheres ribeirinhas das comunidades da região do Bico do Papagaio. Ao ter em vista a fragilidade da memória, registrar em pesquisas e trabalhos acadêmicos os diferentes saberes e fazeres das comunidades tradicionais é tarefa fundamental e urgente para que as gerações decorrentes entendam as práticas que motivaram diretamente a criação de diversas identidades dos povos e as direções de suas histórias vivenciadas.

A fim de alcançar o objetivo proposto, a pesquisa tem como abordagem metodológica a produção e análise de informações por meio da História Oral. Foram realizados levantamentos bibliográficos considerando os termos seguintes: História Oral, Memórias, Gênero, Rio Tocantins e Pesca Artesanal, possibilitando a teorização para compreender as trajetórias de vidas de pescadoras artesanais que têm suas vidas marcadas pela relação de trabalho com o Rio Tocantins. Logo, foram ainda realizadas entrevistas de História Oral com mulheres pescadoras do contexto de Esperantina - TO, buscando responder a seguinte questão de pesquisa: O que as histórias de vida das mulheres ribeirinhas que atuam com a pesca artesanal na cidade de Esperantina-To, apresentam sobre as representações advindas de suas vivências com o Rio Tocantins e sobre as relações de gênero?

A seguir, os caminhos teórico-metodológicos são apresentados de modo a evidenciar como a pesquisa foi realizada.

2 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresento os caminhos percorridos durante a realização da pesquisa destacando como metodologia o uso da História Oral, que se consolidou enquanto uma prática metodológica importante no ambiente acadêmico. Considero que através das memórias de mulheres ribeirinhas podemos conhecer e convidar as participantes da pesquisa em revisitar esses caminhos, pois as memórias são construções dos grupos sociais e, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essas memórias serão preservadas (HALBWACHS, 2006).

Para realizar as análises das subjetividades presentes nas narrativas das mulheres pescadoras entrevistadas, busco apoio na História Cultural, História Oral e sua relação com a Memória.

É por meio de uma perspectiva comprometida com a realidade social e com a atenção voltada para a memória da pesca artesanal na vida das mulheres ribeirinhas de Esperantina, pessoas que ficaram às margens de grandes narrativas envolvidas com o Rio Tocantins, que a pesquisa se constituiu. Deste modo, as fontes Oraís que sustentam nossa reflexão, originam-se de mulheres que possuem com o rio Tocantins uma relação de representatividade que colabora suas práticas distintas com relação a ele.

2.1 História cultural

Para compreender as diferentes representações construídas e narradas pelas mulheres participantes desta pesquisa, em suas diferentes histórias de vida e trabalho, busca-se o apoio na História Cultural. Segundo Barros (2005), a História Cultural evoluiu durante o campo de pesquisa desde o século XX, expondo uma visão para as diversas culturas, contribuindo na compreensão e construção da História desde as diferentes relações socioculturais e práticas sociais. De acordo com Barros (2005)

As noções que se acoplam mais habitualmente à de "cultura" para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de "linguagem" (ou comunicação), "representações", e de "práticas" (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as 'práticas discursivas' como as 'práticas não-discursivas'). Para além disto, a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma 'pluralidade de culturas' do que em uma única Cultura tomada de forma generalizada (BARROS, 2005, p.129).

Com este argumento sobre alcançar as diferentes culturas tradicionais, os registros da memória, a busca por uma quebra de silenciamento das pessoas, deixam surgir histórias diversas de um determinado período histórico, sob novas perspectivas. Ou seja, quem elabora a pesquisa com base na História Cultural pode procurar entender, desde as entrevistas aos diversos lugares de fala, os sentimentos, as dores, traumas, os silêncios que não são ditos, entre outras situações que a muito tempo foram abandonadas à beira pela história oficial de cunho positivista (POLLAK, 1989).

Conforme Chartier (1990), a História Cultural tem como papel fundamental a identificação de como é construída uma realidade cultural e como ela é pensada e observada em locais e momentos diferentes. Isso possibilita novas abordagens e o uso de novas fontes a serem consultadas.

A diante, abordaremos um dos caminhos viáveis que emergem com a perspectiva da História Cultural, a História Oral e sua relação com a Memória.

2.2 História oral e memória

A História Oral é compreendida como uma ferramenta metodológica especialmente útil para a História das Mulheres e para os estudos de gênero. Através da palavra feminina, suas vozes, experiências, pensamentos e desejos saem do silêncio da historiografia. A palavra representa a expressão, a comunicação e a forma de favorecer a alteração da situação e condição das mulheres. A contribuição da História oral é reconstruir a identidade feminina sob a ótica das relações de gênero (TEDESCHI, 2014).

Segundo Matos e Senna (2011), a História apareceu bastante ligada à oralidade, contudo, no decorrer dos anos, com a busca pela consolidação enquanto um campo de conhecimento, foi privilegiando a tradição escrita. Na segunda metade do século XX, a reintrodução da oralidade como campo de registro da História foi iniciada por um grupo de historiadores, na década de 1950, nos Estados Unidos. O surgimento do gravador foi fundamental nesse retorno. Matos e Senna (2011) mostram que, na Itália, a História Oral foi se revelar só no final da década de 1960, quando a cultura popular foi objetivo de pesquisa dos antropólogos De Martino e Bosio e do sociólogo Ferrauti.

Esses são os primeiros documentos em que pesquisadores empregaram a documentação oral não como algo que trazia a complementaridade, mas sim, como uma nova versão aos fatos narrados. Entende-se a importância dessa modalidade de pesquisa que conforme Matos e Senna

(2011,p. 96) “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”. É neste sentido que a História Oral não é apenas uma memória particular da pessoa entrevistada, e sim, é a lembrança de um indivíduo inserido em um contexto social que vivenciou fatos, acontecimentos que os marcam em suas trajetórias.

Para Thompson,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992, p. 44).

Thompson então, define a História Oral como sendo a exposição da história e das mudanças realizadas nas sociedades e culturas por meio de relatos orais em que surgem as lembranças e experiências e que as mesmas são gravadas pelo sentido auditivo de quem a registra.

A História Oral possibilita a busca das perspectivas de diversos sujeitos e de suas memórias individuais e coletivas mudando não só a apresentação do passado, mas também as possibilidades do presente e futuro, assim ao considerar que por muito tempo as mulheres foram silenciadas, identifica-se que:

A história oral como ferramenta metodológica tem na memória das mulheres, através do relato, da entrevista, suas lembranças como fonte de múltiplos tempos. A história como processo cognitivo, recupera pela análise do passado lastro de um tempo não escrito, fazendo das próprias mulheres sujeitos reconhedores de sua identidade, pela integração com a vida coletiva (TEDESCHI, 2014, p. 33).

Diante disso, as mulheres que narram parte de suas próprias vidas, sendo cada uma destas narrativas e vivências únicas, mas que se encontram em um mesmo caminho da valorização e reconhecimento de sua subjetividade. De acordo com Tedeschi (2014, p. 53) “as histórias de vida, dentro do leque maior da História Oral, abarcam procedimentos e aproximações extremamente diversas”. Elas buscam aceitar um lugar de privilégio à experiência vivida e possibilitar a integração de percepções individuais e pautas gerais de relações humanas, através de articulações temporais. O autor ainda pontua que a História Oral

é uma ferramenta metodológica especialmente valorizada para a história das mulheres e os estudos de gênero, uma vez que através da palavra feminina, suas vozes, experiências, pensamentos e desejos saem dos “silêncios” da historiografia. Portanto, a História Oral proporcionou às mulheres e aos diversos grupos historicamente marginalizados, por meio de suas narrativas, falarem dos lugares de gênero que ocupam.

Nesta perspectiva, o encontro entre a História Oral e a História das Mulheres gerou um tipo de comunicação retribuída e de acordo com Meihy (2005), o trabalho com a memória possibilita aos participantes de uma pesquisa de História Oral, uma outra compreensão do período histórico evocado.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, porém, mais do que isso, ela garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem (MEIHY, 2005, p.19).

Neste sentido, a dimensão do sentido social que a História Oral apresenta, possibilita a sistematização das lembranças, como indicadores e referenciais para diversos estudos. Portelli, ao se referir sobre a História Oral e às especificidades que ela possui dentro das ciências humanas declara que:

[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística (PORTELLI, 2001, p. 10).

Nesse sentido, ao considerar a importância da expressão e narrativa das mulheres pescadoras, esta pesquisa relaciona-se à análise das fontes orais, isto é, das falas e das práticas narradas das entrevistadas. Assim, é de suma importância salientar a natureza comunicativa presente no trabalho central da História Oral. De acordo com Portelli (1997), isso pode ser confirmado pela presença de quem pesquisa em campo com os sujeitos que participam do estudo e pela apresentação do material levantado pelo pesquisador aos seus pesquisados, ou seja, é um discurso dialógico na qualidade do que dizem os entrevistados e a análise dessas falas pelo pesquisador. O autor ainda argumenta que:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta sobre eventos e significados. Isto não implica que a história oral não tenha validade factual. As entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas

inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (PORTELLI,1997, p. 31).

Neste ponto de vista, o relevante recurso que as fontes orais possuem sobre o historiador é a subjetividade de quem narra. A fonte oral não só nos conta o que o povo fez, mas também o que queria fazer, expressa o que as pessoas acreditavam, o que estavam fazendo e o que, no momento da entrevista, pensavam que tinham feito. As histórias orais de grupos não predominantes são ligadas a tradições de narrativas populares.

Para Portelli (2016) a História Oral, portanto, é a história da memória, história dos eventos e história da interpretação dos eventos através da memória. Com isto, os relatos orais de mulheres têm se apresentado como uma valiosa contribuição para os estudos na área de história social e da realidade das mulheres, com especial realce na história das mulheres. Desta forma, a história como uma fonte narrativa, possibilita identificar a concepção das pescadoras em relação das atividades pesqueiras que realizam seja no passado ou presente por meio das subjetividades e reconstrução de suas memórias.

A História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano. As informações são produzidas por meio de entrevistas com sujeitos. Ou seja, os relatos orais que, ao focalizar lembranças pessoais das participantes da pesquisa, possibilitam também uma visão mais sistematizada da dinâmica de trabalho e das várias etapas da trajetória vivida, ponderando esses fatos pela sua importância na experiência das participantes.

A metodologia deste trabalho, portanto, registra a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva e os sentimentos das mulheres. Muitas vezes o fato de detectar estas memórias, que podem ser denominadas subterrâneas, significa delinear aspectos relevantes que de outra forma ficam à margem da história oficial ou das evidências objetivas dos historiadores positivistas.

Com efeito, foi realizada uma pesquisa de História Oral com pescadoras ribeirinhas vinculadas à Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais e Aquicultores Z-21, de Esperantina - TO. Para esta investigação, foram selecionadas 3 pescadoras que buscaram compreender suas experiências relacionadas à pesca e às questões de gêneros.

2.3 Questões de gênero

As relações de gênero têm sido um tema de interesse crescente nas últimas décadas. A compreensão das dinâmicas de gênero é fundamental para analisar as estruturas sociais, culturais e econômicas que permeiam nossa sociedade. Segundo Butler (1990), o gênero não é uma categoria fixa, mas sim uma construção social e performativa. Isso significa que as identidades de gênero são moldadas pelas normas sociais e culturais, e, portanto estão em mútua relação entre as diversas dimensões da vida em seus diferentes contextos e tempos.

Para compreender as relações de gênero, é essencial considerar a Teoria Social de Gênero. Scott (1986) destaca que as identidades de gênero são produtos de processos sociais e culturais e não uma manifestação natural. Essa perspectiva ressalta a importância de analisar como o poder, as instituições e as normas sociais influenciam a construção das identidades de gênero.

Scott (1995) argumenta que o gênero não é apenas uma questão de diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas sim uma construção social e cultural que molda a forma como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros. Ela destaca a importância de examinar como as normas de gênero são criadas e mantidas, além de investigar como essas normas influenciam o poder, a política e a vida cotidiana.

A mesma autora também aborda a forma de como a análise de gênero pode ser aplicada à pesquisa histórica, destacando a necessidade de considerar o gênero como uma categoria de análise em estudos históricos. Joan Scott (1995) argumenta que a inclusão do gênero na análise histórica permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e políticas ao longo do tempo.

A desigualdade de gênero é uma questão importante na discussão das relações de gênero. Segundo Connell (1987), as hierarquias de gênero estão enraizadas em estruturas sociais e econômicas que perpetuam a subordinação das mulheres. A desigualdade de gênero se manifesta em áreas como salários, representação política e acesso a recursos.

Neste sentido, cabe frisar que o movimento feminista tem sido fundamental na luta contra as desigualdades de gênero. Autoras como Beauvoir (1949) e Hooks (1981) destacaram a necessidade de reconhecer e combater a opressão de gênero. O feminismo tem contribuído para questionar normas patriarcais e promover a igualdade de gênero.

Portanto, as relações de gênero formam um campo complexo de estudo, influenciado por teorias sociais, desigualdades estruturais e movimentos sociais. A compreensão das dinâmicas de gênero é essencial para alcançar uma sociedade mais igualitária. É importante a

permanência do aprofundamento das pesquisas na área, bem como debater essas questões, considerando as perspectivas de diferentes autores e a evolução das normas sociais.

Assim, esta pesquisa evidencia a categoria de gênero como um elemento fundante para a análise da prática laboral e das relações de sociabilidade junto às pescadoras do rio Tocantins no extremo norte do estado.

2.4 Local de estudo: O rio Tocantins e a cidade de Esperantina - to

O Rio Tocantins, de acordo com Parente e Silva Junior (2019), tem sua criação na chapada goiana, no encontro dos rios Almas e Maranhão, além de percorrer o estado de Goiás, percorre os estados do Maranhão, Tocantins e Pará. O início de sua povoação pelos colonizadores se deu no século XVI a partir da navegação de um grupo de europeus. Este grupo que nomeou o rio Tocantins, pois de acordo com registros, referia-se a um povo indígena que já habitava os arredores do rio (FURTADO, 2016, p.369). Não obstante, é necessário destacar que o território do estado do Tocantins abarca pelo menos 9 etnias indígenas atualmente.

Neste ponto de vista, Lysias Rodrigues (2001) descreve que o nome Tocantins, “[...] foi aplicado por viver em suas margens a poderosa e valente tribo dos índios Tocantins, daí ser conhecido a princípio como rio dos Tocantins” (RODRIGUES,2001,p.39). Com isto, o autor salienta que com fundamento em diversas fontes, a palavra Tocantins significa nariz de tucano, e que o rio teve outros nomes, dados por diversos exploradores em diferentes épocas.

O Rio Tocantins tem um valor sociocultural e econômico para as pessoas que se dedicam constantemente a navegar em suas águas e ao mesmo tempo para desfrutar e conseguir tirar o seu sustento da mesma. De acordo com Parente (2007, p.101) “esse rio, que corta o estado do Tocantins de sul a norte, é um referencial social para a população local desde o período colonial, possuindo ligação direta nas discussões que se referem ao desenvolvimento da região”.

Há sete hidrelétricas presentes no Rio Tocantins. São estas a Usina Hidrelétrica construída na cidade de Estreito - MA, que está entre os estados do Maranhão e Tocantins; Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, está entre Lajeado -TO e Porto Nacional - TO; a Usina Hidrelétrica Peixe Angical, que está em Peixe -TO; e a Usina Hidrelétrica São Salvador, onde está em Paranã -TO. E também há ainda três projetos em processo de licenciamento

(Tupiratins, Ipueiras e Itaguatins), além de outro projeto que é no Rio Araguaia (Santa Isabel). (FERREIRA; PARENTE; GOMES, 2016).

A construção destas barragens provoca diversos problemas ambientais. De acordo com Parente (2007) “Essas grandes construções, como todo empreendimento de grande porte, geram impactos imediatos a médio e longo prazo no meio ambiente e nas sociedades tradicionais, ultrapassando os limites de sua abrangência (PARENTE, 2007, p. 102)”. Problemas estes que na verdade, são gerados pelo impacto ambiental em decorrência de interesses econômicos os quais só dependem das mudanças na compreensão, lógica e nos valores humanos (os quais pouco têm espaço na lógica do capital).

A pesquisa, aposta nas relações que fogem aos interesses do mercado e do desenvolvimento econômico sob a perspectiva capitalista na medida em que considera a relação que as mulheres pescadoras e ribeirinhas têm diante de sua prática e convívio permeado no rio Tocantins. Isto porque o rio enquanto condutor de subjetividades e base do sustento e existência na região de transição amazônica, atua como presença nas trajetórias de vida das participantes da pesquisa que moram no município de Esperantina, no extremo norte do estado do Tocantins.

Esperantina está localizada na ponta norte do estado do Tocantins, entre os rios Araguaia e Tocantins. O município foi criado em 5 de outubro de 1989, e instalado em 1 de janeiro de 1993, sua emancipação ocorreu dia 10 de fevereiro de 1991, através da Lei estadual nº 251/91 IBGE (2021). Esperantina foi desmembrada do município de São Sebastião do Tocantins, e após sua emancipação política, ocorreu certo Desenvolvimento. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021), a população estimada de Esperantina era de 11.280 habitantes em 2021, com densidade demográfica de 18,80 hab./km², sendo que a área desse Município é de 506,175km². Além disso, em Esperantina, a taxa de escolarização de crianças com idades entre 6 a 14 anos de idade alcança um total de 97,6%, uma taxa de escolarização considerada elevada. Ainda segundo o IBGE (2021), o Município de Esperantina possui IDHM de 0,570, o que corresponde ao 135º lugar dentre os 139 municípios do estado do Tocantins. Trata-se, portanto, de um IDHM muito baixo.

Figura 1 Mapa do estado do Tocantins, indicando o município de Esperantina- TO



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/esperantina.html>

Portanto, como vemos acima, o território de Esperantina, limítrofe entre Tocantins e Pará, contornado pelo estado do Maranhão, e banhado por dois rios, destaca-se pelas especificidades do extremo norte tocantinense.

2.5 Etapas e procedimentos

O trabalho foi realizado a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa. Em um primeiro momento foi realizado o levantamento teórico sobre a categoria de Gênero, História Cultural, História Oral e sua relação com a memória. Logo, foi realizado um levantamento de possíveis participantes da pesquisa. Chegou-se a um banco de dados de possíveis participantes, considerando os seguintes critérios de inclusão: a. ser pescadora com atividade laboral em Esperantina, com idades entre 39 e 55 anos, devido suas trajetórias de vida e experiências acumuladas e fazerem parte da colônia de pesca; b. ter vínculo com a Colônia de Pesca artesanal - exercício profissional da atividade; c. pescar no rio Tocantins.

Deste modo, com base na História Oral, foi realizado um roteiro de entrevista. Este roteiro foi organizado em três eixos temáticos: a. Questões iniciais, com a finalidade de conhecer a pescadora entrevistada com aspectos relacionados à família, residência, lazer e

religiosidade; b. rotina de trabalho, ofício de pescadora, o aprendizado para o trabalho, sujeitos envolvidos, locais de pesca, utensílios utilizados e o cotidiano da profissão; e c. relações na Comunidade, relação com as demais pessoas associadas à Colônia dos Pescadores Z-21, período da Piracema, relações de gêneros e as visões que a sociedade tem das pescadoras.

As questões dos três eixos do roteiro de entrevista, foram pensadas com o objetivo de proporcionar um momento de compartilhar informações que permitisse conhecer as mulheres entrevistadas e compreender as memórias relacionadas ao tema da pesca artesanal em suas vidas. Na realização da entrevista foram utilizados gravadores digitais disponíveis em aplicativos de *smartphones*, para o registro em áudio e, posteriormente realizada a transcrição das entrevistas no programa Word.

As entrevistas foram realizadas de modo presencial, na residência das participantes da pesquisa, assim, considerando a experiência no contexto da pesca artesanal pertinente à experiência de vida destas e relação com a comunidade e com a Colônia de Pesca Z-21, foram realizadas as entrevistas com um total de 3 participantes.

As participantes foram previamente informadas sobre o tema de estudo, estando conscientes da carta de cessão de direitos sobre depoimento oral para divulgação científica, tendo assinado posteriormente, de forma a não haver riscos, uma vez que a pesquisa foi aprovada pelo CEP.

As entrevistas foram gravadas em áudios por aparelho celular e posteriormente transcritas no Word, transformadas em arquivos de textos para que sejam realizadas as análises. Além disso, todas contaram com o registro de autorização dos depoimentos garantindo, assim, um procedimento ético da pesquisa (MEIHY, HOLANDA, 2015; MATTOS, SENNA, 2021). Assim, foram realizadas as transcrições com o máximo cuidado possível, optando manter a fala cotidiana na escrita, buscando não interferir com correções ou ajustes para adaptar à norma padrão da Língua Portuguesa.

Para a realização do trabalho de levantamento das informações por meio da História Oral com as participantes da pesquisa, é necessário aprofundar as compreensões sobre as relações de gênero e pesca artesanal, evidenciando sobre algumas questões das mulheres no trabalho com a pesca.

3 O GÊNERO FEMININO E A PESCA ARTESANAL

A seguir apresentaremos algumas discussões acerca das questões de gênero e a luta pela conquista dos direitos femininos, em seguida trazendo a ligação com o trabalho das mulheres na pesca artesanal.

3.1 Os estudos de gênero

Quando se trata do conceito de gênero, ligamos o mesmo à história do feminismo. O Movimento sufragista, que aconteceu no final do século XIX, lutava para conquistar o direito ao voto às mulheres e buscava igualdade política e jurídica entre os sexos. Este marco é considerado na primeira onda do feminismo. Na década de 1960, além de preocupações políticas e sociais, o movimento começou a se preocupar com as condições de vida das mulheres. Estas preocupações chegaram às universidades e formaram bases para a construção de teorias sobre a desigualdade sexual. Surgem, assim, os estudos sobre as mulheres, que pretendiam uma autenticidade intelectual para os estudos feministas (ZIRBEL, 2007).

Perrot (2005) explica que os registros sobre as mulheres e ao mesmo tempo suas vivências e histórias se fortaleceram somente no século XX e, mais recentemente, há um movimento forte na investigação a respeito do tema. Perrot (2005) mostra a sua participação nas investigações a respeito das mulheres e no início dos anos de 1970, crescendo seus trabalhos no campo da história e abordando sobre o silenciamento das mulheres e das suas resistências no relato historiográfico. A autora denuncia que as mulheres foram silenciadas pela desigualdade entre os gêneros.

Scott (1995) relata que o conceito de gênero foi criado para se defender de uma determinada realidade nas relações entre sexos. Além disso, o gênero enquanto um campo de pesquisa oferece inúmeras vantagens, incluindo a visão do conhecimento tradicional e das experiências específicas das mulheres, bem como a análise das relações de poder e desigualdade de gênero. Scott (1995), argumenta a necessidade que é fundamental deixar de lado a oposição binária na análise de gênero e adotar uma abordagem mais sofisticada que leve em consideração a complexidade das identidades de gênero e das relações sociais. Isso é especialmente relevante ao analisar questões relacionadas às mulheres na pesca artesanal, uma vez que as experiências delas podem variar amplamente e não podem ser simplesmente reduzidas a uma dicotomia masculino e feminino, e se pensar em possibilidades de questões que vão muito além, envolvendo as sociedades culturais. É com esta concepção que a autora sugere um novo

conceito para o gênero, entendendo nesta categoria, um caminho de sistematizar os estudos feministas. A autora afirma que:

Ao insistir sempre nas diferenças fixadas (ao simplificar os dados através da utilização das mais heterogêneas informações sobre o sexo e o raciocínio moral, para sublinhar a diferença sexual), as/os feministas reforçam o tipo de pensamento que desejam combater. Ainda que insistam na reavaliação da categoria do "feminino", elas não examinam a oposição binária em si. Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual. Devemos nos tornar mais auto conscientes da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar [...] levando em conta o contexto, a forma pela qual opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando sua construção hierárquica, em vez de aceitá-la como real ou auto evidente ou como fazendo parte da natureza das coisas (SCOTT, 1995, p.84).

No mesmo texto, a autora critica o uso representativo de gênero e relata a necessidade de se pensar o mesmo como uma classe analítica. Ou seja, refletir em sua serventia analítica é pensar na perspectiva de investigar os sentidos que são levantados sobre os gêneros masculinos e femininos, desconsiderando homens e mulheres como classes permanentes, que são antecipadamente criadas. A autora pontua que:

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas destas teorias construíram sua lógica a partir das analogias com a oposição entre masculino/feminino, outras reconheceram uma "questão feminina", outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais não tinha aparecido. Esta falta poderia explicar em parte a dificuldade que tiveram as feministas contemporâneas de incorporar o termo "gênero" às abordagens teóricas existentes e de convencer os adeptos de uma ou outra escola teórica de que o gênero fazia parte de seu vocabulário (SCOTT, 1995, p.85).

Além de criticar o uso descritivo, a autora diferencia a categoria gênero de sexo, distanciando-a de qualidades biológicas, que antes eram associadas. Ela afirma a dimensão cultural que é atravessada pelo conceito de gênero. Deste modo, reconhece a possibilidade que essa nova definição oferecia. Para ela, o gênero significa a “tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1995, p.85). É justificando essa ideia de pensar além da dualidade entre sexo e gênero-natureza, mas, considerando a cultura, que a autora define o termo. Para ela, o gênero tem duas partes e diversas subpartes.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento

constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p.86).

Assim, a ligação entre as relações sociais e as diferenças entre os sexos é definida quando um e outro são impactados e impactantes no conceito de gênero. Ou seja, gênero é um componente e definitivo de como as relações sociais se fazem e são repetidas.

Ao considerar a importância da categoria de estudos aqui apresentada, destacamos a importância de reconhecer as trajetórias de mulheres pescadoras. A seguir, trazemos algumas discussões sobre o processo de invisibilidade da figura feminina no trabalho com a pesca artesanal.

3.2 Processos de (in)visibilidade da figura feminina na pesca artesanal

Parente (2016) registra que a pesca artesanal nos remete pensar aos primórdios da história humana, visto que o ato de pescar trouxe ao ser humano uma nova fonte de alimentação estruturada de maneira complexa e confiável, que para além disso, contribuía para seu sustento, além de suprir suas necessidades em momentos de dificuldade na coleta de alimentos diversos.

Ainda de acordo com a mesma autora, no Brasil, mesmo antes da chegada dos conquistadores europeus, a pesca já era praticada pelos povos nativos, ou seja, pelos indígenas. No entanto, as técnicas utilizadas eram construídas de maneira artesanal, e possuíam características de baixa produtividade, dependendo da habilidade de quem manuseava os aparelhos de pesca. De acordo com Parente (2016), primava-se pela eficiência, e as técnicas desenvolvidas pelos pescadores que permitiam capturar uma grande quantidade de espécies diversas, sendo nos rios, baías ou mangues. A autora destaca também que a pesca visava apenas a alimentação da família, e, portanto, o pescado alcançava papel de destaque na base alimentar dos indígenas.

No entanto, com a chegada dos europeus ao território brasileiro novas técnicas foram inseridas na pesca, objetivando a comercialização do pescado, porém, ainda eram técnicas artesanais. Fato que fez com que a pesca artesanal passasse de uma atividade de subsistência para uma atividade de mercado, visando o sustento da família, se configurando como uma atividade econômica, ou seja, como um posto de trabalho.

A pesca artesanal no Brasil demorou um grande período até ser reconhecida e respeitada. Em 1967 no decreto lei nº 221, quando se trata da pesca no Capítulo I, não se descreve a pesca artesanal em nenhum momento (BRASIL, 1967). Apenas a partir da exposição no III Plano

Nacional de Desenvolvimento da Pesca 1975 a 1979, em um enfoque a respeito dos “aspectos institucionais do desenvolvimento da pesca no Brasil” é que vem se analisar a pesca em duas fases, ou seja, a fase chamada “pré-industrial”, ou artesanal, e a industrial (SILVA, 1986, p.48). Nesse mesmo documento chega-se a definir a pesca artesanal como a que “não é feita por sociedade capital, e como pescadores artesanais, aqueles que não são sócios ou empregados de tais empresas”. Só a partir de uma análise no Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca entre 1980 a 1985 é que aparenta ter ocorrido de fato o reconhecimento definitivo da pesca artesanal como atividade (SILVA, 1986, p.48).

A pesca artesanal é considerada uma das atividades mais antigas exercidas pelos humanos nos períodos antigos, essa produção por sua vez possibilitou aos pescadores adquirir um grande entendimento ao longo de muitos séculos a respeito das características relacionada ao ciclo de vida das espécies pegadas e de suas reproduções e concentração de cada cardume (DIEGUES, 2004).

De acordo com Diegues (2004) as sociedades estabelecidas desde os tempos antigos, se relacionaram com os seres vivos do mar e rios por meio de práticas materiais e simbólicas. Esta relação neste caso se estabeleceu através da pesca artesanal que é uma tradição de geração em geração, como continuidade da cultura local. Essas considerações, conforme o autor, foram avançadas por pescadores com grande tradição estabelecida no alto mar em suas formas de adequação socioeconômicas e culturais. Para Diegues “o que caracteriza o pescador artesanal não é somente o viver da pesca, mas é sobretudo a apropriação real dos meios de produção; o controle de como pescar, em suma o controle da arte da pesca” (DIEGUES, 1983, p.197-198).

De acordo com Silva (2014) a pesca artesanal no Brasil não possui uma uniformidade na forma com que é praticada, apresentando diversas mutações e/ou adaptações em sua prática. Isso porque, de acordo com o autor, as características específicas de cada região do país, fazem com que a pesca sofra diversificações na forma como ocorre. Para o autor, é necessário levar em consideração as questões econômicas, sociais e climáticas de cada região, para que se possa compreender as especificidades da pesca artesanal em cada localidade. Para além disso, é necessário também levar em consideração o tempo histórico na qual a atividade é desenvolvida, fato que implica diretamente na maneira como a mesma é praticada.

Silva (2014), faz uma distinção entre a pesca artesanal e a pesca em larga escala. Para o autor, a segunda utiliza metodologias e tecnologias modernas, fazendo grandes investimentos, enquanto que a pesca artesanal, pelo pouco investimento, se apresenta como uma modalidade de baixa produtividade, portanto, de baixos lucros. Ainda segundo Silva (2014) a pesca artesanal se caracteriza por ser pouco mecanizada, tendo em vista que se utiliza na maior parte

do tempo, de motores de pouca potência, além de embarcações pequenas. Em muitas situações, o barco é movido apenas a velas e remos, necessitando assim de uma maior empregabilidade de força de trabalho humano.

Para Zacarkim *et al.* (2015, p. 21), "no Brasil a pesca artesanal desempenha. Um papel fundamental na produção de peixe, representando 60% dos desembarques continentais". Dessa forma, a atividade é responsável por garantir o sustento de diversas famílias que vivem da pesca artesanal.

Cabe destacar que a figura feminina aparece no cenário da pesca artesanal no Brasil, a partir da década de 1980, com a luta do movimento feminista que trouxe ao debate político o papel da mulher a esse cenário. Dessa forma, segundo Motta-Maués (1999), aparecem como conquistas do movimento a produção de uma nova visão acerca dos direitos sociais e políticos da mulher, além de fomentar a construção de um novo olhar sobre o papel da mulher nas discussões de gênero.

Esse cenário fez com que surgissem e se ampliassem pesquisas e estudos acerca das questões de gênero, tendo a mulher como figura central, no âmbito da pesca artesanal no Brasil. Fato que possibilita "se entender como homens e mulheres participam da pesca e vivenciam os riscos ligados às recentes mudanças do setor." (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012, P. 731). Os autores ainda destacam que as mulheres há séculos trabalharam na pesca, contudo sua identificação social e auto identificação como trabalhadoras pescadoras, vinculadas ao setor, são recentes não apenas no Brasil como em demais países.

De acordo com dados do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, 2014), no ano de 2014 cerca de uma a cada 200 pessoas desenvolviam, regularmente, atividades de pesca artesanal no país. Esse contexto coloca a atividade como uma das mais tradicionais do Brasil, assim, de acordo com Parente (2016), esses pescadores e pescadoras são "autônomos, em regime de economia familiar ou individual, ou seja, contempla a obtenção de alimento para as famílias dos pescadores ou para fins exclusivamente comerciais" (PARENTE, 2016, p. 12). Segundo os dados do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, 2014), atualmente no Brasil, existem mais de um milhão de pescadores e pescadoras artesanais registrados no RGP, e esses são responsáveis pela produção de cerca de 45% de toda a produção anual de pescado desembarcada em território nacional.

Tratando-se especificamente do registro de pescadores, de acordo com o ministério do desenvolvimento agrário (MDA, 2014) o cadastro no Registro Geral da Pesca (RGP) é obrigatório para quem pretende desenvolver comercialmente a atividade da pesca. Para além da garantia de poder pescar sem risco de sanções da lei, o pescador regularmente autorizado

pode alcançar benefícios previdenciários como a aposentadoria, bem como a garantia de pagamentos de FGTS no período da piracema, época onde não se pode realizar a atividade da pesca.

Essa regulamentação surgiu no ano de 2003 com o surgimento de uma regulamentação específica para a atividade pesqueira, até esse momento, os pescadores artesanais eram considerados como uma categoria não profissional, logo, sem direitos, mas também, sem uma regulamentação específica para a prática da atividade pesqueira. Em 2003 surge a Lei 11.959/09 que regulamenta toda atividade de pesca e aquicultura praticada em território nacional, apontando as diretrizes para a prática da pesca, bem como objetivando a elaboração de planos e políticas voltadas para o fomento dessas atividades (BRASIL, 2009).

Como desdobramento desta lei, e da regulamentação da atividade pesqueira como profissional, surge a Lei nº10.779/2003 que traz uma regulamentação do seguro-desemprego que deve ser pago ao pescador artesanal durante o período do defeso, ou seja, da piracema (BRASIL, 2003). De acordo com essa lei, em seu Art. 1º determina que “O pescador profissional que exerça sua atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de parceiros, fará jus ao benefício de seguro-desemprego, no valor de um salário” (BRASIL, 2003).

Destacamos aqui que para além da importância de todo o potencial produtivo que tem a pesca artesanal, que cabe salientar, conta com possibilidades imensas de que ocorram expansões em suas atividades, é necessário se levar em consideração o papel dos pescadores, e também das pescadoras no que diz respeito a manutenção das tradições historicamente construídas pelo Brasil, e que alcançam relevante importância na história do país, bem como as contribuições dos mesmos no tocante a estratégias de preservação da cultura nacional. Um fato importante a ser analisado por nós, é que mesmo com esse número grande de pescadores registrados no Brasil, como destacamos em linhas anteriores, as mulheres aparecem à margem desse setor, visto que esse é um universo tipicamente tido como masculino (MDA,2014).

Em estudo sobre essa mesma temática, Parente (2016), analisando as questões de gênero e a invisibilidade da figura feminina na pesca artesanal praticada em Miracema, no estado do Tocantins, postula que

um grupo de trabalhadores ainda é pouco reconhecido: as pescadoras. As pescadoras associadas à Copemito pescam e buscam seu lugar em um universo descrito tradicionalmente como masculino. Essas mulheres iniciaram suas atividades pesqueiras ainda na infância, geralmente acompanhando o pai, o irmão, tio e/ou tia. Pode-se perceber que pais, avós, tios e tias, irmãos e irmãs, filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas envolvem-se na pesca, as relações de parentesco movem a atividade desde a Antiguidade (PARENTE, 2016, p. 08).

De acordo com Cardoso (2011), o sujeito é iniciado na pesca a partir de diversos graus de parentesco, isso faz com que as relações estabelecidas nas comunidades pesqueiras se tornem fundamentais para a inserção das pessoas no âmbito da pesca. Ainda para o autor, esse cenário retrata a situação de pobreza, muitas vezes extrema, enfrentada por essas famílias que são inseridas na atividade, e por esse motivo, pela situação econômica, essas famílias vislumbram na pesca uma perspectiva de melhoria de qualidade de vida.

Acerca dessa temática, da inserção de sujeitos na atividade pesqueira, Lima, Doria e Freitas (2012) consideram que as famílias e sujeitos que vivem da pesca tendem a apresentar um vasto tempo de dedicação a essa atividade, fato que justifica a troca de experiências e a iniciação dos novos sujeitos, e nesse caso, das mulheres no contexto da pesca artesanal.

De acordo com Parente (2016) a mulher, apesar de estar conquistando seu espaço no ambiente da pesca, ainda enfrenta situações de domínio do homem, visto que essa é uma atividade considerada tipicamente masculina. Para a autora, “é possível perceber a influência que a figura masculina exerce sobre a participação da mulher na atividade, uma vez que é por meio dessa figura que a mulher se insere na pesca. Nas narrativas das pescadoras, suas atividades iniciaram-se com o pai, com o irmão ou o próprio companheiro” (PARENTE, 2016, p. 10).

Em muitos casos, a função da mulher na atividade pesqueira é tida apenas como de ajuda ou auxílio ao trabalho masculino, ou seja, a mulher aparece apenas como figurante nesse cenário. No entanto, de acordo com pesquisa de Parente (2016), essa realidade se apresenta de maneira distinta do senso comum. Para a autora, “Cabe ressaltar que as atividades que as pescadoras realizam não conferem apenas uma condição de "ajuda", ao contrário, o papel que assumem merece destaque” (PARENTE, 2016, p. 08).

A autora afirma pelo fato de que a mulher pescadora, não apenas auxilia o marido ou companheiro na labuta diária da atividade, e sim, realiza os mesmos trabalhos do homem, logo, ocupa também o papel de pescadora como ofício. Isso ocorre porque a mulher também, “contribui para o desenvolvimento da pesca, para o lazer e sustento da família, tanto quanto o papel dos pescadores, portanto, devem ser reconhecidas como profissionais diretas no exercício da pesca” (PARENTE, 2016, P. 08).

No entanto, a figura feminina ainda enfrenta preconceitos, e muitas vezes passa por um processo de invisibilidade, pois, em um cenário mais vinculado à figura masculina, é assim constituído por causa de uma construção social, uma construção que tende a inferiorizar a

mulher em relação ao homem, ocupando um papel subalterno ao praticado pelo homem, apesar de desenvolver as mesmas atividades da figura masculina.

Isso ocorre devido ao fato de que “A definição de papéis relaciona se com a maneira que os seres sociais são socializados e educados em diversos espaços: nas instituições, na escola, na igreja, na família, entre outros. Decerto envolve o processo educacional, moral e cultural dos sujeitos, uma vez que essas instituições prescrevem regras, normas e comportamentos que os sujeitos de uma dada sociedade devem reproduzir” (PARENTE, 2016, p. 10).

Para nos debruçarmos um pouco mais sobre o papel da mulher na pesca artesanal, cabe destacar sobre qual conceito de pesca estamos a discorrer e problematizar, visto que, para diversos autores, os textos das leis e decretos que regulamentam o ato da pesca, este está limitado puramente ao ato da captura do peixe (ALENCAR; PARENTE, 2011). Dessa forma, salientamos que para nós, assim como para Diegues (1983), Woortmann (1992) e Motta-Maués (1999), estamos tratando de um conceito ampliado da pesca artesanal. Dito de outra maneira, concebemos essa atividade como algo que extrapola o ato da captura do peixe, e está relacionada aos momentos de pré captura, captura e pós captura do pescado. Todo o conjunto de atividades necessárias para garantir a captura do peixe e a comercialização ou consumo do mesmo, se configura como pesca, ou seja, o preparo das iscas, das redes, a manutenção dos barcos, a limpeza e separação do pescado se configura como pesca artesanal.

Logo, concordamos com Parente (2016), ao considerar que a mulher participa da pesca e também se apresenta como uma pescadora, e por assim ser, também deve ser considerada como uma profissional da pesca. Apesar de em muitos casos a mulher não participar da captura do peixe em águas, de acordo com Motta-Maués (1999), também o que acreditamos, a mulher pesca.

No entanto, embora a mulher sofra a invisibilidade no trabalho da pesca, é válido salientar que a invisibilidade da atividade pesqueira, na lógica das sociedades industriais, também impacta para o homem, principalmente no que tange a pesca artesanal (AZEVEDO, 2012). No entanto, de acordo com o autor supracitado, o Estado invisibiliza, além dos próprios pescadores do sexo masculino, principalmente as mulheres, visto que na legislação acerca da pesca o conceito de pesca está restrito ao ato da captura do peixe, logo, como a mulher participa muito mais dos processos pré e pós captura, o que por muitas vezes, as impossibilitou ou dificultou o acesso aos direitos relacionados a prática da atividade, visto que têm dificuldades de acesso aos registros profissionais (AZEVEDO, 2012).

Nesse caso, conforme acreditam Zhao, Tyzack e Anderson (2013), a divisão social do trabalho imposta no interior da própria categoria da pesca artesanal invisibiliza a mulher enquanto profissional, visto que, para os autores, assim como para Parente (2016), essas são tidas apenas como ajudadoras dos homens. Sendo pertinente salientar que por muitas vezes, de acordo com Parente (2016), essa invisibilidade também é fomentada pelas próprias mulheres, visto que muitas delas não se consideram pescadoras, e sim, auxiliadoras de seus companheiros.

O cenário acima mencionado, para Martins e Alvim (2016), se dá devido ao fato da inevitável divisão da mulher entre os afazeres domésticos e as funções produtivas no âmbito da pesca. Além disso, os autores acreditam que a mulher, ao ser limitada ao espaço doméstico e não ser inserida na tomada de decisões e negociações, acaba por não adquirir o conhecimento sobre o mercado pesqueiro e isso contribui para a perpetuação dessa invisibilidade feminina no tocante à pesca artesanal. Além disso, de acordo com os autores, “na maioria das comunidades a presença da mulher não é admitida nas embarcações em razão da crença de que isso traz má sorte, ou por determinarem que o barco e o mar são espaços exclusivamente masculinos, nos quais mulher não é bem-vinda” (MARTINS; ALVIM, 2016, p. 385). Dessa maneira, na grande parte das comunidades a mulher desenvolve papéis relacionados a momentos distintos da pesca, isso se considerarmos o conceito expandido dessa atividade. Segundo Maneschky *et al.* (2012) o papel da mulher está vinculado às seguintes atividades:

(1) na tecelagem e remendo de rede de pesca; (2) no preparo de iscas e linhas; (3) na pesca, coleta ou cultivo de algas e mariscos; (4) como membros de tripulação (neste caso normalmente são esposas do proprietário do barco, incluídas na equipe como uma estratégia econômica para a redução de custos e aumento de lucratividade por parte da família); (5) no desembarque, processamento e venda do pescado; (6) na captura de peixes (neste caso, majoritariamente em águas próximas); e (7) na costura de velas de canoas e de roupas de trabalho (MANESCHY *et al.*, 2012, p. 23).

Todas essas atividades ligadas ao pré e pós captura do peixe, colaboram para a comercialização e também para o consumo do pescado, ou seja, o ato da pesca não se resume à ida às águas para pescar, e sim, todo o cenário constituído antes, durante e depois do ato da captura está consumado. Logo, a mulher para além de ajudar, também é responsável pelo ato da pesca, se configurando assim, como pescadora. Com isso, deve ter acesso aos mesmos direitos profissionais que o homem pescador possui. As mulheres merecem um papel de destaque uma vez que seu trabalho “contribui para o desenvolvimento da pesca, para o lazer e sustento da família, tanto quanto o papel dos pescadores” (MENDES; PARENTE, 2016, p. 191).

Seguindo essa mesma perspectiva Souza et al. (2017) acreditam que as funções que a mulher exerce na atividade pesqueira são cruciais para a manutenção e reprodução social dos grupos sociais que sobrevivem da pesca. Logo, existe a necessidade de que essas sejam reconhecidas. No entanto, para além da invisibilidade, essas mulheres normalmente não são remuneradas, quando ocorre uma remuneração, de acordo com Maneschy et al. (2012) essa é ainda inferior à dos homens, fato que é padrão em todas as áreas do mercado, mas também, de acordo com o autor supracitado, também se dar pelo reconhecimento dado à mulher pelo grupo social ao qual pertence, mas também, a sua própria desvalorização (MOTTA-MAUÉS, 1999).

Esse movimento gera dificuldades no momento do registro profissional, e logo, na aquisição de benefícios em decorrência da prática da pesca. Acerca disso, Sousa (2013) postula que a captura do peixe, propriamente dita, é uma atividade majoritariamente masculina, cabendo às mulheres as atividades relacionadas ao beneficiamento do pescado (SOUSA, 2010, p. 14). Dessa forma, para o autor “nesse universo cabe às mulheres as atividades consideradas complementares e aos homens as atividades produtivas propriamente ditas” (SOUSA, 2010, p. 14). Outros autores que discorrem acerca dessa temática são Martins e Alvim (2016) que acreditam que

Geralmente, a divisão das tarefas se define entre o espaço do mar e o espaço da terra. Cabe aos homens a pesca, enquanto as mulheres são responsáveis pela coleta de mariscos, moluscos, algas, camarão, entre outros produtos coletados na beira de praias, lagos, rios e mangues. É de sua inteira responsabilidade também o beneficiamento do pescado capturado por seu companheiro ou por ela mesma, assim como o reparo dos instrumentos de pesca. (MARTINS; ALVIM, 2016, p. 381)

Destacamos mais uma vez que para nós a atividade pesqueira não se resume à captura propriamente dita, por esse motivo, por conceber um conceito mais amplo e expandido da pesca artesanal, é que identificamos que ocorre a desvalorização da figura feminina nos processos da atividade da pesca artesanal no Brasil e defendemos que o trabalho das mulheres na pesca seja reconhecido.

Após esta contextualização acerca do papel da mulher na pesca artesanal no Brasil, destacamos que nas margens do rio Tocantins também existem diversas comunidades pesqueiras, repletas de homens e mulheres que sobrevivem dessa prática. Dessa maneira, destacamos que o rio Tocantins, por ser um dos maiores do país, é apto para a realização da atividade pesqueira. Na cidade de Esperantina, essa atividade é realizada por grande parte das famílias de ribeirinhos, como destacamos nesta pesquisa. No entanto, nesse primeiro momento, destacamos a presença das comunidades ribeirinhas, como também de pescadores e pescadoras

artesanais, e por assim ser, salientamos também a existência de conflitos no que tange ao papel da mulher e as questões de gênero na atividade da pesca artesanal.

Acerca do município e seu contexto socioeconômico, destacamos que a relação dos ribeirinhos dessa localidade com o Rio Tocantins é de dependência. Dito de outra maneira, o rio possui um valor econômico e cultural para os ribeirinhos, haja vista que as pessoas se utilizam de suas águas para navegar, mas também, para retirar delas o seu sustento. O rio, que corta o estado do Tocantins de sul a norte, é uma referência social para a população local desde o período colonial, mantendo uma ligação direta nas discussões que se apresentam ao desenvolvimento da região (PARENTE, 2007).

As pescadoras artesanais que se encontram na cidade de Esperantina, têm seu cotidiano vinculado aos rios Araguaia e Tocantins. A maioria vive da pesca e da agricultura familiar, possuem grandes experiências sobre as técnicas de pesca e de domínio da natureza, pois ao longo de muitos anos aprenderam a lidar com os rios e a navegar em suas águas, com isso sabem os períodos em que podem pescar, plantar e colher.

Sobre a mulher dentro da atividade pesqueira é necessário um olhar muito atento:

[...] um conjunto crescente de estudos passou a abordar o setor pesqueiro sob a ótica de gênero. Esses estudos têm evidenciado múltiplas responsabilidades de mulheres em comunidades ou empreendimentos pesqueiros, direta e indiretamente ligada às lides de pesca, além daquelas referidas aos cuidados com a reprodução imediata dos grupos domésticos (MANESCHY; SIQUEIRA; MIRANDA ÁLVARES, 2012, p. 731-732).

Portanto, a partir do que a autora apresenta acima, essas trajetórias das mulheres na pesca, fortaleceu o autoconhecimento. O estudo ajuda a compreender que os saberes da pesca se alongam antes e pós-captura, o que ajuda a visibilizar os saberes femininos na pesca artesanal influenciados por atividades domésticas.

É neste sentido que se constitui como objetivo de pesquisa compreender com base nas histórias de vida de mulheres ribeirinhas que atuam com a pesca artesanal na cidade de Esperantina-TO, as representações advindas de suas vivências com o rio Tocantins e as relações de gênero vivenciadas por elas. Pois como Maneschy (2000) afirma, as mulheres pescadoras artesanais instruídas como produtoras do lar onde os seus saberes eram caracterizados ao preparo do próprio pescado, fabricação dos apetrechos de pesca, definidos na sua essência, como um procedimento sem importância na atividade pesqueira.

Geralmente as mulheres não trabalham apenas na pesca, pois desenvolvem outros trabalhos, como na agricultura, domésticos, entre outros. Neste sentido, as mulheres que atuam na pesca acumulam várias funções, ao mesmo tempo em que adquiriram estratégias de lutas e

resistências ao longo dos anos. Além de ocuparem um papel econômico fundamental no âmbito das relações de produção, ocupam uma função política relevante no interior de sua respectiva cidade.

A associação entre o trabalho na pesca e as atividades domésticas também são responsáveis pela invisibilidade dos saberes femininos que demarcam a prática das mulheres na captura do pescado.

Apesar das mulheres estarem presentes em todos os espaços, seu papel na pesca até pouco tempo passou um pouco despercebido. Considera que existe um certo preconceito em relação à mulher pescadora e é notado que não é de hoje que esse preconceito está presente. Assim as mulheres pescadoras aparecem mais a partir das discussões sobre o componente da pesca, um movimento realizado em 1988 que contou com a participação de representantes de diversas colônias, em principal das regiões norte e nordeste cujo o objetivo constituiu em reivindicar os direitos sociais com finalidade que as mesmas fossem asseguradas pela nova constituição Federal (RAMALHO, 2012; RODRIGUES, 2012).

O trabalho das mulheres na pesca artesanal é ainda desvalorizado no Brasil, tanto pelas questões relacionadas ao gênero como também por questões de ordem estrutural, como o exemplo a dificuldade para a conquista do benefício ou fato das próprias trabalhadoras não se reconhecerem, mesmo desenvolvendo atividades nas diversas partes da produção.

4 EXPERIÊNCIAS COM A PESCA NA COMUNIDADE DE ESPERANTINA - TO

Neste capítulo abordaremos os relatos das pescadoras que desenvolvem o trabalho com a pesca artesanal no rio Tocantins, na comunidade de Esperantina- TO, trazendo as memórias dos aprendizados e experiências construídas pelas pescadoras no desenvolvimento das pescarias no seu dia a dia. Abordaremos as falas das entrevistadas a partir de suas subjetividades, mostrando as vivências e as experiências construídas nas suas trajetórias de vida, evidenciando assim suas representações advindas e os significados dos saberes e fazeres da lida com a pesca artesanal no Rio Tocantins.

A partir da abordagem qualitativa de História Oral, realizamos entrevistas com mulheres pescadoras vinculadas à Colônia de Pescadores Z-21, do município de Esperantina. Sobre a criação das Colônias de Pescadores, o Decreto-Lei Nº 794, de 19 de outubro de 1938, que aprova e baixa o Código de Pesca, destaca que:

Art. 9º As colônias de pescadores são agrupamentos de pescadores atuando em uma mesma zona e constituídas, no mínimo, por 150 (cento e cinquenta) profissionais de pesca. Parágrafo único. As colônias serão designadas pelo prefixo “Z”, seguido do número de ordem que lhes couber no seu respectivo Estado e estabelecer-se-ão em zonas limitadas pelo Serviço de Caça e Pesca (BRASIL, 1938).

Em Esperantina, a Colônia de Pescadores recebeu a denominação de Z-21. De acordo com a página eletrônica da Colônia de Pescadores Z-21¹. Sua abertura foi no dia 02 de junho de 2005. Não foram encontradas durante a pesquisa fontes escritas que trouxessem mais elementos sobre a criação e o funcionamento da Associação.

Buscando trazer as memórias a partir das narrativas das participantes da pesquisa, com ênfase às suas experiências de vidas relacionadas a atividade da pesca artesanal, é possível refletir sobre as mudanças percebidas no ofício ao longo dos anos, os sentidos e significados que a atividade tem em suas vidas e como construíram suas trajetórias junto à pesca e a vida no rio Tocantins.

¹ <https://www.solutudo.com.br/empresas/to/esperantina/ongs-e-entidades-sociais/colonia-de-pescadores-de-esperantina-to-z-21>

4.1 Biografia das entrevistadas

A seguir, traremos na sequência informações relacionadas a biografia das entrevistadas, por ordem de realização das entrevistas. A realização das gravações das entrevistas ocorreu na seguinte sequência: Cleidiane Vieira Passos; Maria Raquel Mendes da Silva; Eliete Rodrigues Pereira.

Várias informações foram abordadas nas entrevistas. Abaixo trouxemos algumas informações gerais no intuito de apresentar as mulheres que participaram da pesquisa, trazendo alguns elementos que as caracterizam e distinguem.

Cleidiane Vieira Passos – Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1983 na cidade de Marabá-Pará, atualmente mora na cidade de Esperantina- TO. Perdeu sua mãe quando tinha 9 anos de idade e passou a morar com sua avó. Conheceu seu esposo quando veio para Esperantina com 14 anos, ele já era pescador e foi o responsável por envolvê-la na pescaria. Tem sete filhos, sendo quatro mulheres e três homens. As duas filhas mais velhas já são casadas e residem na mesma comunidade, uma mora próxima a sua casa e a outra mora na comunidade Carrapiché na beira do Rio Tocantins. Os outros filhos e filhas moram com ela, além de suas netinhas gêmeas e o netinho recém-nascido. Cleidiane e seu companheiro são pescadores que fazem parte da colônia Z-21 há cerca de 18 anos de trabalho, mas antes de ter o registro já desenvolvia a pescaria. Ela estudou até a 5ª série, mas não concluiu. A participante é evangélica, seu esposo faz parte da comunidade quilombola Carrapiché, situada na beira do rio Tocantins. A participante e seu esposo, ensinaram aos seus filhos a atividade pesqueira no rio Tocantins, mas só dois tiveram o interesse para aprender. Além de realizar a atividade pesqueira com seu esposo, também realiza as tarefas domésticas, mas sozinha. A entrevistada gosta também de fazer croché, são estas atividades (pesca e croché) que mais gosta de fazer, pois como coloca, lhes trazem bons sentimentos. A entrevista com Cleidiane Vieira Passos foi realizada no dia 17 de setembro de 2022, com duração de 59 minutos.

Maria Raquel Mendes da Silva - Nasceu no dia 17 de março de 1967 na cidade de Marabá - Pará. Pescadora e quilombola, mora na comunidade remanescente quilombola Carrapiché e estudou até a 4ª série do antigo 1º grau. Conheceu seu companheiro, que era separado, quando teve um incêndio na casa dele e sua filha com 3 meses de vida estava dentro, ela ajudou a resgatar a bebê. Ele já era pescador desde muito novo e ela sabia pescar. Criaram duas filhas, uma do primeiro casamento de seu esposo e a outra de criação. A mais velha conheceu a mãe biológica e foi embora com ela sem deixar notícias. A filha mais nova tem um bebê recém-nascido, a filha e o bebê estavam passando uns meses juntamente com a

participante da pesquisa, além de seu esposo e um senhor que também fica sob seus cuidados. Atualmente residem todos na cidade de Esperantina em uma casa alugada por motivo que fica mais perto da saúde, educação e entre outros. Ela e seu companheiro fazem parte da colônia Z-21. Além de realizar a atividade pesqueira com seu companheiro e outros familiares, e fazer as tarefas domésticas, mas sozinha, a entrevistada gosta de mexer com suas plantas e gosta de ouvir hinos evangélicos, pois traz tranquilidade. A prática da atividade pesqueira é desenvolvida no rio Tocantins, de onde suas famílias sempre tiraram o sustento da pesca além da agricultura. Mais recentemente, a participante da pesquisa conseguiu se aposentar e por este motivo não recebe mais o auxílio da pesca (Seguro Defeso). A entrevista com Maria Raquel Mendes da Silva foi realizada no dia 17 de setembro de 2022, com duração de 56 minutos.

Eliete Rodrigues Pereira - Nasceu no dia 03 de março de 1970, na cidade de São Sebastião do Tocantins e atualmente mora na cidade de Esperantina. É casada, conheceu seu esposo na beira do rio, pois suas famílias sempre moraram às margens do rio. Ambos são filhos de lavradores e pescadores. A entrevistada tem seis filhos, quatro mulheres e dois homens. Atualmente duas moram com ela e os outros moram em outras cidades. Se declara como católica, mas também frequenta a igreja evangélica por convites que recebe. Sua profissão é lavradora e pescadora. Além de realizar as atividades domésticas sozinha, gosta de fazer crochê e ouvir músicas calmas, que registra lhes trazerem paz. A pescadora realiza a atividade da pesca especialmente no rio Tocantins. Ensinou, com seu esposo, a atividade pesqueira aos seus filhos, porém, só um ainda pratica a pesca. Os demais filhos não se interessaram pela profissão. A entrevista com Eliete Rodrigues Pereira foi realizada no dia 17 de setembro de 2022 com duração de 49 minutos.

Percebe-se que, todas as participantes desta pesquisa apesar de nos trazem histórias singulares, têm questões em comum, por serem pescadoras e realizarem a atividade pesqueira com seus companheiros. Além disso, todas essas mulheres são responsáveis principais pelas tarefas domésticas, realizando-as, segundo seus registros, na maioria das vezes sozinhas, ou considerando eventualmente alguma “ajuda” dos seus esposos e dos demais familiares que convivem juntos.

A seguir fazemos algumas análises viáveis das memórias trazidas nos relatos sobre as diversas relações possíveis vivenciadas e construídas em suas trajetórias de vidas no trabalho com a pesca na comunidade.

4.2 Relação com a comunidade e o trabalho com a pesca artesanal no rio Tocantins a partir dos relatos das pescadoras

A partir de todas as narrativas compartilhadas pelas mulheres pescadoras, é possível identificar que as participantes da pesquisa adquiriram suas experiências através das vivências e aprendizagens dos grupos familiares e comunitários com as diferentes relações vividas no Rio Tocantins. Estas mulheres passaram a pescar com os seus companheiros de modo mais efetivo, tendo a pesca como ofício. Durante a escuta das trajetórias de vida das participantes desta pesquisa, elas afirmam que a aprendizagem da pesca foi adquirida através da observação e participação nas atividades com seus pais, maridos, cunhadas e outros pescadores.

Eu via sempre meu marido quando eu me ajuntei, eles já pescavam, aí minhas cunhadas também pescavam, aí eu fui e me interessei. Meu marido já era pescador, aí depois que eu casei com ele, aí foi que vim pescar, porque mesmo aqui mesmo a gente só vai viver assim, da pescaria (Cleidiene, pescadora, 2022).

Eu tinha vinte, vinte e poucos anos quando eu eu já comecei a pescar eu já ficava por lá mesmo aí não tinha com quem pescar aí era nós num arrumava assim uns trabalho certo aí nós ia nós mulher toda vida ficamo tudo junto, que era com meus pais né (Eliete, pescadora, 2022).

Um pescador me ensinou que eu não sabia. Ai de lá pra cá foi eu venho rolando negócio de pescaria e tudo. Eu conheci o meu esposo, eu tinha 15 anos (risos). Aí de lá para cá eu venho acompanhando ele. Aí trabalho, oh como é né, através do meu esposo (Maria Raquel, pescadora, 2022).

Com base nos registros, verificamos que a pesca artesanal não se constrói por meio dos saberes formais, da escolarização, mas sim na relação entre o ser humano com a natureza e na socialização das experiências vivenciadas com sujeitos de outras gerações de pescadores. Podemos identificar, também, que o desenvolvimento destes saberes, se dão no enfrentamento dos desafios diários para a captura do pescado nos rios. Neste sentido:

o pescador é sempre resultado de várias gerações, de ancestralidades corporificadas em suas técnicas (manejo das águas, das armadilhas e do barco e formas de sociabilidades) repassadas, aperfeiçoadas e constantemente renovadas) repassadas, aperfeiçoadas e constantemente renovadas nos campos material e simbólico, que são também patrimoniais (RAMALHO, 2015, p.19).

Ao considerar esta geracionalidade, embora nem todas as participantes da pesquisa tenham tido contato com a pesca desde a infância, as participantes (Cleidiene e Eliete) ensinaram aos seus filhos a lidar com a pesca. De todo modo, todas as 3 pescadoras demonstraram ter tido um contato ainda na juventude com a pesca no Rio Tocantins. Deste modo, uma forte representação da pesca, nas falas das participantes, se dá na geracionalidade,

em que pese os tempos e contextos distintos, este é um elemento evidente na constituição de suas subjetividades.

Uma questão em destaque para as pescadoras, trata-se da imprevisibilidade da pesca como ofício. Conviver com esta oscilação dos tempos e frutos da atividade pesqueira, também forja a vida destas mulheres. Elas evidenciam que a pesca é uma atividade de muitos “altos e baixos”, devido às correntes das águas, a reprodução dos peixes, e de todas as mudanças que impactam seu trabalho. É possível identificarmos as relações entre trabalho e natureza.

Quando tá cheio demais, aí já é o tempo que, que a pesca tá fechada. Aí a gente não pesca, porque aí agora quando ser em novembro, aí já vai fechar. Aí novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, aí só vai abrir em Março. Esses quatro mês é fechado, né?! Que é o tempo que a água, quando o tempo que dá mais peixe, é quando a água aumenta. Que é no período da piracema” (Maria Raquel, pescadora, 2022).

Posto isto, a renda que é gerada por este trabalho pesqueiro é instável, pois nem sempre se sabe a quantidade de peixes que vai se pescar em um dia de trabalho. As entrevistas revelam que a atividade da pesca pode ser capaz de resultar em uma quantidade alta ou baixa de pescado. Esta instabilidade é considerada

(...) porque os recursos pesqueiros não são ilimitados em quantidade nem uniforme na qualidade, e porque a crescente demanda do mercado impõe as condições comerciais, o trabalho na pesca tende a propiciar aos pescadores as desvantagens no processo de obtenção de suas rendas (RAPOSO, 2011, p.12).

Além da instabilidade na quantidade dos animais capturados, muitos dos profissionais da pesca precisam sair de suas localidades para pescar em outras, acarretando um aumento dos gastos. A partir dos relatos trazidos, são observadas as dificuldades encontradas para garantir uma renda satisfatória para sustento da família. Eliete (pescadora), relata que é da pesca que vem parte do sustento de sua família, entretanto:

[o dinheiro] não é que seja o suficiente, mas é o que a gente tem aí tem que se virar com ele. Mas não é o suficiente, porque o suficiente se desse da gente comprar o mantimento, da gente todinho comprar as coisinhas. Da gente todo sentar vou ter que comprar isso! Não, mas não tem dinheiro! Eu compro no outro, no outro... a gente acerta aí. Aqui em casa é assim! (Eliete, pescadora, 2022).

Em complemento, o relato de Cleidiane (pescadora) demonstra que a atividade de pesca, aparentemente, não proporciona um ganho constante, já que o dinheiro dependia do sucesso da

pescaria. Contudo, quando perguntada a respeito da atividade ao longo do tempo, se houve uma melhoria das condições materiais para a vida, a participante menciona:

Ah! melhorou, sim. A nossa condição mesmo, né?! Porque de primeiro, eu não tinha... eu não tinha praticamente nada em casa, né?! Aí eu já posso comprar umas cadeiras, né?! Umhas cadeiras para sentar, porque de primeiro, nem isso, não tinha, né?! Não é, não é diretamente, né?! Que assim, que a gente vai dizer que não ganha dinheiro com peixe, né?! Porque não ganha esse dinheiro. pescaria é assim: ó se você for, pegou. Você tem ali um pouquinho e se você for e não pega, aí não tem nada, né?! Mas... mas o que me garante é aquele 4 meses de seguro. Aí que já dá de pagar uma conta. Dá de comprar uma televisão. Sempre, geralmente, eu compro as coisas, né?! Mas assim comprar uma cadeira, comprar um fogão, que dá de eu comprar porque assim... ó já... eu já não tinha, Porque de primeiro, eu não tinha um botijão de gás e agora eu tenho. Eu não tinha geladeira e eu já tenho... cama eu não tinha, os meus meninos aí, agora eu já tenho!

A seguridade social no contexto do defeso, conforme Brasil (2015), refere-se a um conjunto de medidas e políticas sociais externas para a proteção e amparo das pescadoras durante os períodos de suspensão da pesca, conhecidos como períodos de defeso. Essa prática visa garantir a reprodução e a preservação das espécies, evitando a captura durante suas fases mais sensíveis. No Brasil, o decreto é regulamentado por legislação específica, e a segurança social nesse contexto envolve benefícios e medidas que visam compensar os pescadores pelos períodos nos quais são impedidos de exercer suas atividades. Os principais pontos relacionados à segurança social durante o defeso incluem o Seguro-Defeso, que é previsto na Lei nº 10.779/2003, este seguro, é um benefício previdenciário destinado ao pescador profissional artesanal durante o período de proibição da pesca, durante o depósito, o pescador recebe um auxílio financeiro equivalente a um salário mínimo mensal.

Assim, apesar das dificuldades em relação às instabilidades da atividade pesqueira e da insegurança vivenciada por estas pescadoras, houve um avanço na medida em que o poder público garantiu e reconheceu o direito dos trabalhadores e trabalhadoras profissionais da pesca.

Outro elemento que fica nítido, que se relaciona com a instabilidade da atividade profissional, é sobre a pesca não ser priorizada pelas mais novas gerações, enquanto ofício. O que não significa a inexistência da ação pesqueira na constituição familiar com os mais jovens. No entanto, percebe-se nos relatos das pescadoras, que seus filhos não têm o interesse de seguir a pesca como profissão, mas somente como uma atividade de lazer. Uma atividade neste sentido valorizada, isto porque, após vivenciarem as dificuldades passadas pelas mães e pais, os filhos, segundo as participantes da pesquisa, ficaram desanimados com a pesca como profissão.

Consideramos que esta situação revela uma problemática que se relaciona com os impactos ambientais, impulsionadas pela lógica capitalista. Isto porque há danos causados pelas mudanças climáticas e estruturais no curso das águas do Rio Tocantins, especialmente vindo da construção da hidrelétrica de Estreito - MA, que abalam a vida e o ecossistema da região, a atividade da pesca artesanal está perdendo pessoas (MACHADO, 2020). Sobre a construção desta hidrelétrica a Maria Raquel, relatou que mudou o seu trabalho com a pesca:

Assim, deixa eu te falar bem aqui. Ficou mais ruim assim, porque antigamente não tinha controle de água, entendeu?! Porque quando, agora mesmo no... no tamanho verão, quando a gente pensa que o rio tá seco, o rio tá enchendo. Quando a gente tá pensando que o rio tá cheio, ele tá vazando...e aí nesse controle de água ficou mais ruim pras pessoas que pesca. Tendeu?!

Percebe-se na narrativa acima, que com essa obra surgiram mudanças profundas que afetam o trabalho das pescadoras, trazendo consequências nas suas vidas e nas suas famílias. A primeira foi a geração da renda, pois houve uma grande diminuição de algumas espécies de peixes como é relatado pela pescadora, quando questionada sobre a existência de mudanças na atividade:

Sempre tem, né?! Porque parece que os peixes estão ficando mais sabidos, sempre tem... de primeiro você pra pegar os peixe, tinha uma facilidade demais pra botar a rede. Aonde fosse já pegava. Agora não, cê tem que ter estratégia onde por a rede, o lugar certin que é pra pegar, por que tá ficando, os Peixes tá ficando esperto! Cê tem que ter uma estratégia o lugar certinho o local certin ali. Ó tem que pensar marro menos onde é que vai botar a rede por que tá, aí de primeiro sempre o povo que pescava mais. Antes nera só botava a rede em qualquer lugar, aí já pegava. Mas agora não, porque os peixe está mais esperto e tá mais escassez, né?! Né porque tem que ter estratégia né, de fazer o... quando é tempo de cheia você tem que fazer é tipo um caminho assim... aí você põe a rede assim pelo vajão pra pegar porque peixe também tá... tá sabido. Fica que nem agora, oh: agora que, que está enchendo, e o tocantins pegou um pouco, um pouco de água. Agora esses dias, agora mesmo, quando tá muito seco, dá muito é avoador, pacu, é só avoador mermo, né?! Porque o tocantins mermo é só quando tá seco, é só..." (Cleidiane, pescadora,2022).

Conforme essa narrativa, a pescadora nos compartilha que antes era mais fácil para a captura dos peixes, mas que devido às mudanças decorrentes no rio, surgem dificuldades para a captura, como a cheia, a seca, e a escassez do pescado. Diante disto, a pescadora nos apresenta estratégias que são realizadas para chegar a ter resultados na atividade pesqueira.

Também falando sobre essa mesma questão, a pescadora Maria Raquel (2022) relata que a redução do pescado foi grande devido essas mudanças nas águas do Rio Tocantins:

Ruim demais, porque de oitenta e três pra cá, óia a gente saía, era rápido demais mermã! Nós pegar uma caixa de peixe entendeu, e nesse tempo nós morava em

Marabá nós ia po po rio de lá, de Marabá, que é esse mermo rio, mais só que a gente saia do, né, pegava a canoa e subia, era rápido demais pa gente pegar. É hoje em dia a gente tem que batalhar um pouco, tem que sofrer um pouco, num é nem batalhar é sofrer, uma vida de mariscador é por que você num tem nem ideia de, tanto a pessoa sofre, e a fome que passa. (Maria Raquel, pescadora, 2022).

Assim como no excerto anterior, esta passagem da entrevista, apresenta dificuldades: é possível notar que para se pescar uma quantidade de peixe é necessário que as pescadoras saiam de suas residências cedo e passam o dia todo no rio; chegando em casa só no período da noite ou até mesmo ficam acampadas na beira do rio, passando dias, como relata a pescadora Eliete (2022):

Quando a gente vamo pescar, no caso assim, do avoador, quando nois vai pescar, num tem horário. Por causa, assim, nós fica na praia direto. Assim a gente faz a barracazinha lá na praia, aí já fica lá direto, aí nós passa o dia todo. Aí tem vez que vai de noite, pescar Assim na ressaca das praia, aí a gente vai pescar é praticamente o dia todo.

Os relatos que foram disponibilizados para o acesso reforçam cada vez mais as narrativas já presentes em outros trabalhos de estudos sobre os impactos das hidrelétricas nas comunidades dos arredores.

Souza *et al.* (2016) salientam que quando as Hidrelétricas são introduzidas nos rios, não se tem uma visão a respeito dos impactos provocados nas vidas das pessoas e nas comunidades que estão às margens destes rios e que necessitam dos mesmos para a sobrevivência, não é levada em consideração as relações de sentimentos e da admiração construída pela coletividade nas relações de suas vidas e trabalho com a agricultura nas terras e com a pesca nas águas. Nesse ponto de vista:

A vida do pescador é composta de terra e água, é produto dessa massa que nem sempre é equilibrada ou perfeita, mas que representa o símbolo maior da atividade criadora e transformadora. Os impactos da barragem sobre a água e a terra provocaram uma ruptura nas imagens primordiais que davam sustentação ao pensamento e à atividade criadora dos ribeirinhos. Novas imagens passaram a ser construídas e, conseqüentemente, manifestas nas histórias e narrativas do cotidiano. (ALVES, 2007, p.39).

Por este motivo pode-se perceber que as construções das Hidrelétricas nos Rios trazem instabilidades ambientais e sociais, deixando a comunidade pesqueira um dos grupos mais afetados.

A percepção das pescadoras sobre as mudanças ambientais em relação à sua prática de pesca é um aspecto crucial que influencia diretamente seu modo de vida e subsistência. Embora

nem todas as pescadoras tenham abordado explicitamente essa questão nas entrevistas apresentadas, é possível inferir que existem questões ambientais subjacentes. Como o Impacto das Mudanças Ambientais - As pescadoras, ao mencionarem a diminuição da quantidade de peixes e a referência às barragens, indicam que percebem uma mudança no ambiente de pesca ao longo dos anos. A construção de barragens, por exemplo, pode ter impacto na quantidade e diversidade de peixes disponíveis para a pesca.

Além disso, cumpre destacar que as entrevistas oferecem uma visão potencial sobre a prática da pesca e os desafios que as pescadoras enfrentam em relação às condições ambientais flutuantes. Algumas das informações importantes incluem: Variação da Produção com Base nas Estações. A produção de peixes varia significativamente com as estações do ano, sendo mais abundante nos meses de março a abril, quando o rio enche e há mais disponibilidade de peixes. A época de seca resulta em uma produção mais limitada, com predomínio de certas espécies de peixes, como o avoador e o pacu.

Outra questão muito significativa sobre a pesca nas experiências das mulheres que vivem em Esperantina, é que o fato de serem mulheres, para as pescadoras, não interfere em suas capacidades de execução das tarefas laborais, tendo condições de fazer todas as atividades relacionadas à pesca, assim como seus companheiros pescadores. Elas relatam que as mulheres trabalham mais que os homens. No entanto, destacam que em algumas atividades que exigem mais força física, são os homens que exercem esta função.

Eu acho que a mulher sempre trabalha mais né, porque vai e ajuda o homem lá, aí quando chega em casa, aí vai fazer tudo né?! Sempre é a mulher: faz tudo mais que os homens, porque o homem mais é pro pesado, né?! Carregar peso e tudo. E a mulher não vai poder com uma caixona de peixe cheia de gelo, né?! (Cleidiane, pescadora, 2022).

Fica nítida a sobrecarga do trabalho feminino, considerando as atividades domésticas, as quais, na fala das participantes, se destacam, ao comparar a demanda laboral atribuída aos homens. O trabalho no cotidiano das pescadoras é marcado por diversas atividades onde se incluem as atividades da profissão e as tarefas domésticas. Apesar de trabalhar juntamente com seus companheiros na prática da produção dos artefatos de pesca, e na atividade da pega dos pescados no rio Tocantins, quando chegam em suas casas já partem para realizar as tarefas domésticas, mas sozinhas.

Destacamos excertos das entrevistadas que comentam a seguir:

(...) tarefa de casa só é eu, entendeu? Alguma assim, alguma vez quando eu tô muito aperriada “Antônio lava essas vazias aqui pra mim né” ele vai lá e lava... mas tirante disso (risos) ele é só da roça pra casa, da pesca pra casa... é assim! Mas pra dizer assim, tarefa que eu falo pra ele, eu digo “Antônio sempre as tarefa de casa são divididas, né, não?” Mas não... quando nós vamo pescar, nós dois quando chega ele toma banho se sente ali, né?! E eu que vou fazer todas as coisas de casa. Não é, não, são tarefas divididas, né?! É... alguma vez, não tem o que eu dizer assim não. Não, tudo é essa véinha aqui que faz! (Maria Raquel, pescadora, 2022).

[...] É só eu mesmo. Ele não gosta de fazer tarefa de casa não. Só vem mesmo comer porque ele gosta ele não gosta muito não. (Eliete, pescadora, 2022).

Às participantes destacam que, ao chegar em casa após a pesca, as mulheres assumem várias responsabilidades domésticas adicionais. Isso inclui preparar o peixe, cuidar das tarefas domésticas e, muitas vezes, realizar diversas atividades simultaneamente.

Em complemento aos relatos acima, a pescadora Cleidiane relata:

[...]A mulher trabalha mais que os homens porque quando ela chega ela já vai ajeitar uma coisa já vai ajeitar outra coisa né aí já vai cozinhar o peixe e tem homem que num ajuda nem a muer chegar aí ela que se vira pra poder pescar né, agora o meu não né o meu me ajuda ele vai ele pela o peixe as vezes ele cozinha e assim eu digo que trabalha mais a mulher né porque é sempre a mulher que chega aí vai fazer outras coisas e lá é oh...!”(Cleidiane, pescadora,2022).

A participante menciona que algumas mulheres podem enfrentar a falta de colaboração por parte dos homens, porém, em alguns casos, as mulheres têm que se virar sozinhas para realizar diversas tarefas. Ao afirmar que “a mulher trabalha mais que os homens”, Cleidiane destaca o esforço das mulheres na pesca e em suas atividades cotidianas.

Assim, compreendemos que o trabalho da pesca e o trabalho doméstico muitas vezes se entrelaçam e marcam as trajetórias das mulheres envolvidas na pesca. A interseção dessas duas esferas de trabalho é uma realidade comum para muitas pescadoras, impactando suas vidas de várias maneiras, inclusive na busca do equilíbrio entre trabalho na pesca e as tarefas domésticas, bem como de cuidado com as crianças e pessoas idosas, cuidado que se revela até em ações de lazer. Uma das pescadoras, ao ser questionada sobre as atividades que costuma fazer quando não está pescando, relata:

Ô mermã de ficar quetinha só na minha, agora mermo ó vocês chegaram aí ó eu tava, eu, eu tinha terminado de lavar uns 3 pano do nenê ali, eu digo “vô já cuidar bem aqui nessa planta que é pra mim tomar um banho que a menina ta chegando”, ai me sentei aqui ó, cuidando das plantas passou por alto (risos). (Maria Raquel, pescadora, 2022).

Em sentido próximo, outra participante da pesquisa, ao ser questionada sobre a realização de outra atividade que não a pesca, ela aponta que “Não, eu cuido de casa, cuido da roça, vou pra roça e vou pro rio. Vou pescar.” (Cleidiene, pescadora, 2022). Embora a fala inicie em negativa, a continuidade do relato aponta as tarefas exercidas, inclusive na atividade de plantio.

Ainda a respeito das atividades da pesca e outras atividades, uma das participantes, destaca a questão etária como uma preocupação, dado a importância das habilidades físicas para o ofício. Segundo a pescadora:

O negócio vai ficando cada vez mais difícil, é! É... eu acho que sim, cada vez mais vai ficando muito difícil, né?! E tá ficando muito difícil as coisas, e aí tá sumindo subindo muito as coisas né. E aí o serviço da gente é pescar né, mas se não tem peixe, como que a gente vai pescar, né?! E assim: eu acho que vai ficar muito difícil, e a gente vai ficar praticamente sem nada porque na roça... a gente já tá velha e não aguenta mais trabalhar. (Eliete, pescadora, 2022).

Borgonha (2008) destaca a importância da atuação das mulheres na pesca abordando que nos últimos tempos o reconhecimento foi ganhando forças, espaços tendo uma presença necessária no setor pesqueiro:

No cenário Brasileiro, já em 2004, as mulheres paraenses eram responsáveis por 60% do total do pescado produzido no estado e representavam cerca de 10,6% do total de pescadores trabalhando na captura de mariscos, no beneficiamento do pescado e na confecção e reparo de petrechos de pesca (BORGONHA, 2008, p. 127).

Com isso, a participação das mulheres na pesca desempenha uma função fundamental e multifacetada, indo além da captura de peixes. Suas contribuições envolvem atividades diversas, como o beneficiamento do pescado e a manutenção de equipamentos de pesca. Esse engajamento destaca não apenas a importância das mulheres na produção pesqueira, mas também sua atuação em diferentes etapas da cadeia produtiva.

Sobre a dimensão mais técnica do trabalho e os tipos de pescado, alguns relatos evidenciam que diante dos períodos em que os cardumes não estão ainda navegando pelo rio, a atividade da pesca é realizada nos lagos que se formam ao entorno do rio.

Quando se pergunta, quais são os peixes mais pescados segundo a participante, relata que são:

A branquinha, bodó, Curimatá, cará, entendeu são os peixes mais pescados de dentro dos lago, são esses, a piranha também, tem gente pega bastante, agora no rio não, no rio a gente já pega o jaraqui, a piabanha, a caranha, entendeu, o piau, é os mais que a gente pega na época que ta no rio, agora nos lago são esses. (Maria Raquel, pescadora, 2022).

Dando completo, a pescadora Cleidiane relata que vários peixes são por épocas devido a cheia e baixa do rio como:

Época do tucunaré mais é quando tá, quando o rio tá mais cheio!” Unrrum! “Aí quando o Rio na base que tá agora mais seco você pega no Tocantins mais é avoador!” Unrrum! “Quando tá mais baixo é avoador? “É esse peixe mais que a gente pega! (Cleidiane, pescadora,2022).

Em sentido próximo, a outra participante da pesquisa, relata que pesca mais nos períodos secos e no Rio, e que apenas seu esposo costuma ir pescar nos lagos em períodos de cheias. Segundo a pescadora:

Nós pesca, praticamente eu, meu marido não,ele já pesca mais, eu já pesco mais é nesse tempo assim é julho, de julho de de junho até daí pra cá eu já pesco mais porque como já é período seco, já tem muita praia aí a gente já pesca, já é a pesca do avoador, a pesca da branquinha esses peixes a assim, agora quando já é assim pro rumo de lago assim que já é mais ruim aí eu não vou quem vai já é só ele aí, minha pesca já é mais é só no rio mesmo! (Eliete, pescadora,2022).

Quando se pergunta sobre as técnicas e produção de utensílios utilizadas para a captura dos peixes, a pescadora relata que:

No tucunaré o meu marido faz isca de peixe mesmo, pra pesca tucunaré meu marido usa isca de peixe muitas vezes não tem como a gente comprar artificial né porque sai caro mais aí quando é, a única isca assim quando os outros tipo de peixe a gente pesca é de rede,na beira aí não precisa de isca né, quando a eu pesco também mandar eu pesco mesmo mais é só pra consumo aí eu uso gongo e milanga! [...] Redes e anzol!” Unrrum! Eu entralho a rede só, e meu marido também teça né e faz isso maiadeira ele teça rede também, agora eu só entranho sabe você sabe o que é né é por chumbo é por bóia essas coisas aí que ele me ensinou! (Eliete, pescadora,2022).

A participante compartilha informações sobre as práticas de pesca, especificamente para o tucunaré. Aqui estão alguns pontos importantes destacados por ela, como as iscas de peixe, onde o marido de Eliete fabrica suas próprias iscas, para a pesca do tucunaré. Isso pode ser uma prática comum entre os pescadores, especialmente quando a opção por iscas artificiais pode ser

muito mais cara. A pesca com rede para outros tipos de peixe, onde menciona o uso de rede na beira do rio, dispensando a necessidade de iscas, visando que a pesca com rede seja uma prática tradicional em algumas comunidades de pescadores. A pesca para o próprio consumo, quando ela mesma pesca, utiliza gongo e milanga para a pesca, determinando que essas são iscas ou métodos que prefere para essa especificamente. O entranhamento de redes que Eliete e seu marido estão envolvidos na fabricação e reparo de redes, onde menciona que sabe só entranhar a rede, enquanto o marido tece e faz maiadeira.

O ensino e transmissão de conhecimento onde Eliete destaca que seu marido a ensinou a entranhar redes e outras habilidades relacionadas à pesca. Esse processo de transmissão de conhecimento é comum em comunidades de pescadores, onde as habilidades são passadas de geração em geração.

Em complemento sobre as técnicas e produções de utensílios utilizadas na pesca artesanal, a pescadora Maria Raquel relata:

Ei deixa eu te falar, a maioria desse peixe eles não são pegos com isca, eles são pegos na rede, aí só que o Tucunaré a gente tem a isca, é porque tem umas que a gente já compra no mercado entendeu pra a gente pegar o Tucunaré e aí também tem outra a gente pega, deixa eu te falar, como é, deixa eu te explicar, bem ali tem aquele cordão branco, tá vendo lá no chão!? Aquele ali a gente faz tipo uma isca para colocar no anzol para pegar os tucunaré entendeu!? Pode colocar um pedaço de pano desse aqui ou cortar ele bem fininho aqui pode enfiar no anzol e jogar e puxar que ele agarra, entendeu? A isca de peixe do próprio peixe também pega eles também. [...] Faço rede, agora que a gente não faz mais porque já tem essa facilidade da gente comprar entendeu mas antigamente a gente fazia, óia aqui, essa aqui é uma tarrafa, que é meu esposo que tá fazendo mas eu teço também. (Maria Raquel, pescadora, 2022).

A participante, menciona que a maioria dos peixes não é capturada com isca, mas sim com redes, no entanto, destaca a importância da isca na pesca de tucunarés. Isso ressalta a diversidade de métodos utilizados na pesca artesanal, adaptando-se às características específicas de cada tipo de peixe. A pescadora compartilha o conhecimento sobre a confecção de iscas caseiras para tucunarés, como o uso de cordões brancos e pedaços de pano como iscas, destaca a criatividade e a habilidade prática das pessoas na comunidade, adaptando recursos disponíveis para melhorar a eficácia da pesca. Maria Raquel menciona que anteriormente eles faziam suas próprias redes, mas existe a facilidade de comprar nos mercados. No entanto, destaca também, que tanto ela quanto seu esposo estão envolvidos na produção de tarrafas. Esse aspecto evidencia a continuidade de habilidades tradicionais na fabricação de instrumentos de pesca, mesmo diante das mudanças nas práticas. O fato de seu esposo e ela própria estarem

envolvidos na produção de tarrafas destaca a participação conjunta de homens e mulheres em várias etapas das atividades pesqueiras. Essa colaboração contribui para a dinâmica familiar e comunitária na pesca artesanal. Essas práticas mostram uma riqueza de conhecimentos locais, adaptações criativas e a importância das habilidades tradicionais na pesca, destacando a diversidade de abordagens adotadas pela comunidade na captura de diferentes tipos de peixes.

Como visto, estes relatos oferecem uma visão detalhada das práticas específicas de pesca, evidenciando a importância do conhecimento tradicional e das habilidades artesanais na vida das pescadoras.

Uma questão interessante são as redes formadas com outras mulheres no trabalho da pesca. Quando se pergunta quanto tempo está vinculada a comunidade pesqueira, a participante relata que:

Rapaz eu acho que eu tinha vinte, vinte poucos anos quando eu eu já comecei a pescar eu já ficava por lá mesmo aí não tinha com quem pescar aí aí era nós num arrumava assim uns trabaiao certo aí nós ia nós mulher toda vida ficamo tudo junto mais assim, mesmo assim de carteira tem uns vinte cinco ano de carteira mesmo da pesca profissional. (Eliete, pescadora, 2022).

A formação de redes entre mulheres na pesca pode promover o empoderamento feminino ao proporcionar um espaço onde as mulheres podem compartilhar conhecimentos, habilidades e experiências. Isso pode contribuir para fortalecer a presença feminina em um setor historicamente dominado por homens. Essas redes oferecem um ambiente propício para o compartilhamento de conhecimentos práticos sobre técnicas de pesca, gestão de recursos e estratégias para lidar com os desafios específicos que as mulheres enfrentam no setor.

Em complemento sobre as parcerias da mulheres pescadoras, a participante relata que quando vai pescar é juntamente com:

[...] É sempre só da família, entendeu!? Eu não sei nem quantos pera ai..., deixa eu contar. Eu, Graça, Adriana, Rosa, Samila, que ela trabalha também. [...] Eu sei que tem dia que tem té mais de 13 pessoas entendeu, tem vez que tem só tem 2 home e o resto é só mulher, é assim, quando os home tão em outra função as mulheres tão lá. (Maria Raquel, pescadora, 2022).

O relato de Maria Raquel, destaca a presença significativa de mulheres na pesca artesanal, especialmente quando os homens estão envolvidos em outras atividades, trazendo observações importantes, como a participação ativa das mulheres onde, a pescadora enfatiza

que, a maioria dos participantes na pesca é composta por mulheres. Isso indica uma participação ativa e significativa na atividade pesqueira da comunidade, evidenciando seu papel central na realização dessas tarefas. A pescadora Maria Raquel menciona nomes de familiares, indicando uma colaboração familiar na pesca, essa dinâmica destaca o envolvimento coletivo na atividade e reforça a importância da pesca como uma prática compartilhada entre os membros. A presença constante das mulheres nesta atividade, mesmo quando os homens estão envolvidos em outras funções, destaca a importância contínua das mulheres na pesca artesanal, essa persistência pode indicar não apenas uma contribuição ocasional, mas um papel ativo e regular.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, as pescadoras através de seus relatos demonstram a representatividade que a pesca é em suas vidas, sendo importante no sustento de suas famílias e na relação sentimental que cada pescadora tem quando está em contato com o rio:

[...] Gosto! Eu acho que pra mim num fica nem como... pra mim nem é como um trabalho... pra mim é tipo um lazer, porque eu gosto de tá ino. Sempre que eu posso eu vou, vou assim, porque agora no período que eu num pude ir, né, porque minha menina ficou lá em Araguaína, uns dois mês com os bebezín, né, que é gêmeo, ficaram foi feito cirurgia e tudo, iai mais eu ficarra fazeno falta de ir pro rio. Aí eu nam, eu num consigo muitos dias sem ir no rio, não. Tem vez que meu marido vai aí arruma outros companheiro e aí eu fico agoniada pra mim ir nam... eu tenho que ir que ir pro rio, aí “arr as meninas brigano arr a mãe só que ir pro rio, só quer viver no rio”, aí se eu num for pois nós morre de fome, pois é, eu gosto.[...] mulher lá quando a gente tá pescando acho que a gente não pensa em nada, porque os problemas, é só pensa em tá ali pra pegar o peixe, é bom eu mesma me distraiu é um meio de distrair ali eu só fico só mermo em tá ali pescar tá ali pra pegar o peixe, eu acho bom. (Cleidiene, pescadora, 2022).

Através do relato de Cleidiene pescadora, fica claro o amor e o vínculo que muitas pescadoras têm com o ato de pescar, dando complemento ao de relato do vínculo com a pesca:

[...] olha pesca para mim, é ela tem muita muita importância e para mim que é da onde eu tiro o sustento da minha família. É da onde nós tira porque nós tem... nós tem o nosso, sobrevivência da roça, mas aí já tem a pesca que a gente já tirou nosso sustento e já compra as coisas que nós não tem. Que é com dinheiro da pesca que ajuda no sustento. [...] eu gosto de ficar lá na beira do rio eu acho bom eu nem adoço quando eu tô lá, eu não sinto nem dor de cabeça eu acho que é porque como eu nasci e me criei lá mesmo, na beira do rio, né?! Porque São Sebastião e na beira do rio praticamente nós, é... não nasceu em São Sebastião naquele tempo, não tinha negócio de menino nascer em hospital né era a parteira que pegava aí era na beira do rio mesmo. [...] eu acho bom. É uma sensação boa eu acho bom a gente ficar livre lá a gente fica livre não é uma coisa assim que não tem explicação porque é muito bom não é bom a gente viver assim libertar viver assim sem preocupação sem ter assim não eu não posso ficar assim porque vai ter vai vir gente e não é livre a gente fica livre lá é é muito bom eu acho bom demais quando eu to lá. (Eliete, pescadora, 2022).

Também falando sobre essa questão, que evidencia a sensação de liberdade, Eliete pescadora (2022) além de destacar a importância da pesca artesanal como uma fonte de renda fundamental de sustento para sua família, descreve como algo que a faz sentir-se livre e experimentar uma sensação inexplicável de bem-estar. Dando complemento, Maria Raquel pescadora (2022), afirma que “A gente esquece de tudo, não tem uma terapia melhor do que uma pescaria”.

Com base na narrativa compartilhada sobre a vida das pescadoras, podemos identificar alguns sentidos e grandes núcleos das histórias de vida delas:

1) Conexão com o Ambiente de Pesca e Origens: As pescadoras têm uma forte ligação com o ambiente de pesca, muitas delas nascendo e sendo criadas nas proximidades dos rios e do local onde pescam. A experiência de nascer e crescer próximo ao rio moldou suas percepções e atitudes em relação ao trabalho na pesca.

2) Sensação de Liberdade e Satisfação: As pescadoras descrevem uma sensação de liberdade e satisfação ao trabalhar na pesca. Elas apreciam a sensação de estar ao ar livre e se sentem livres das preocupações do dia a dia enquanto estão pescando.

3) Valorização da Profissão de Pescadora: Apesar dos desafios e financeiros, as pescadoras valorizam sua profissão de pescadora, garantindo a importância de trazer peixes frescos para suas comunidades e para o sustento de suas dificuldades familiares.

4) Perspectivas Futuras Desafiadoras: Há uma preocupação com o futuro da pesca artesanal, devido às mudanças ambientais, dificuldades financeiras e à percepção de que o trabalho está se tornando cada vez mais difícil. A incerteza quanto à continuidade da pesca artesanal gera apreensão em relação ao sustento das famílias no futuro.

5) Desejo por Diversificação de Atividades e Profissões: As pescadoras expressam o desejo de que seus filhos não sigam a profissão de pescador, buscando outras atividades ou profissões para eles, a fim de evitar os desafios e a incerteza associados à pesca. Esses sentidos e cores refletem as experiências e perspectivas das pescadoras em relação ao seu trabalho na pesca artesanal, seu relacionamento com o ambiente de pesca e suas aspirações para o futuro de suas famílias. A participação das mulheres na pesca pode envolver uma reinvenção do trabalho na colaboração com outras mulheres, levando a relações de sociabilidade significativas. Essa dinâmica pode variar com base nas características socioculturais, geográficas e econômicas de cada comunidade de pescadores, mas há tendências comuns:

6) A coletividade presente nos grupos de Mulheres Pescadoras: Em muitas comunidades pesqueiras, as mulheres se organizam em grupos ou associações específicas de pescadoras. Esses grupos apresentam um espaço seguro para trocar experiências, discutem estratégias de pesca, compartilham conhecimentos sobre técnicas e inovações e oferecem apoio mútuo. Esses encontros fortalecem os laços sociais entre as mulheres, criando uma rede de solidariedade.

Assim, as vidas das pescadoras demonstram uma variedade de sentidos e revela a ocupação de diversos espaços sociais que são fundamentais para suas trajetórias e para a comunidade em que vivem. Esses espaços de ocupação social são significativos e se manifestam de várias formas, destacando-se: 1. Espaço da Família: O ambiente familiar é central na vida das pescadoras, onde desempenham papéis como mães, esposas e cuidadoras. Elas são protetoras para o sustento e o bem-estar da família, gerenciando as finanças e atendendo às necessidades diárias dos membros da família. 2. Área da pesca e comunidade: nas praias e locais de trabalho temporário, além dos pontos de vendas de peixes, bem como no ambiente natural, as mulheres pescadoras evidenciam sua ocupação. Seja na lida com o pescado, no manejo dos instrumentos e técnicas, na comercialização do pescado e na participação dos espaços políticos como na Colônia, as trabalhadoras pesqueiras desempenham funções imprescindíveis nas relações da comunidade tradicional ribeirinha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho pode-se perceber o quanto é importante trabalhar com a metodologia da História Oral para se compreender as memórias de uma comunidade e, nesta pesquisa, especialmente de grupos historicamente negligenciados pela academia, como as mulheres pescadoras do extremo norte do Tocantins. Esta pesquisa possibilitou compreender com base nas histórias de vidas das mulheres ribeirinhas que atuam com a pesca artesanal em Esperantina-TO, as representações advindas das vivências com o rio Tocantins e as relações de gênero vivenciadas por elas.

A pesquisa possibilitou conhecer mais profundamente a realidade de vida e de trabalho de parte da comunidade pesqueira da colônia Z-21 da região do Bico do Papagaio, contribuindo assim para o estudo e a valorização das práticas do município de Esperantina-TO e possibilitando maior visibilidade para as questões de gênero que marcam as vidas de mulheres ribeirinhas do norte brasileiro.

Desenvolver esta pesquisa foi fundamental nesta etapa de conclusão do curso, pois foi possível se colocar em prática um pouco do que foi aprendido no decorrer da formação, em especial sobre a valorização das culturas de diversas comunidades tradicionais, uma realidade que já era percebida mesmo antes de ingressar ao curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, passando a valorizar mais a partir da pesquisa e da atuação nos espaços acadêmicos e ao mesmo tempo nos espaços comunitários.

Além disso, esta pesquisa possibilitou a efetividade do curso da Educação do Campo, quando anuncia o objetivo de formar professores e professoras para atuarem nas comunidades camponesas promovendo a inclusão social de jovens, trabalhadores do campo e as populações que trabalham com a pesca que é importante.

A partir das entrevistas realizadas, as pescadoras foram trazendo suas vivências e experiências construídas ao longo do tempo sobre as relações de vida em torno e com o Rio Tocantins. Com esta pesquisa, percebe-se que a profissão de pescador foi apreendida pela maioria das pessoas entrevistadas ainda na infância ou juventude, geralmente com os familiares e amigos. Porém, devido às dificuldades encontradas na profissão, as pescadoras relatam que algumas das suas filhas e dos filhos pescam apenas como lazer, e que não os estimulam a atuarem com a pesca como profissão.

Também ficou evidente que o Rio Tocantins é um espaço crucial na construção de identidade dessas pescadoras, sendo o principal meio de sobrevivência de suas famílias, mas

também representa a possibilidade de realizar um exercício que para além do sustento material, evoca sentimentos de liberdade e ação de protagonismo de suas próprias vidas.

Suas memórias são trazidas a partir de representações, as quais se percebem nas palavras, na entonação e nas emoções marcadas no riso, na lágrima, no timbre da voz, pois, as pescadoras vão revendo suas memórias e partilhando as suas formas de se ver os diferentes acontecimentos. Esta realidade é demonstrada a partir dos relatos trazidos pelas participantes que mostram suas narrativas em momentos que se comunicam em um retorno ao passado e outro retorno ao presente.

Assim as pescadoras supracitadas remetem suas memórias evidenciando um rio cheio de muita fartura de muitos peixes que é quando aprenderam a trabalhar com a pesca e um rio seco onde há uma enorme ausência de peixes. Ao recordar o passado, é possível perceber sua característica do tempo. É o passado que se reproduz no presente, comovendo suas trajetórias, evidências, esperanças e sonhos acerca da vida e do Rio Tocantins. As mudanças na vida dessas pescadoras são percebidas a partir da construção das Hidrelétricas, que retrata uma mudança clara nas condições de sobrevivência, devido aos impactos causados nas águas, na vida e no Rio Tocantins.

Portanto, os relatos trazidos pelas pescadoras nos evidenciam que o trabalho com a pesca artesanal está ficando cada vez mais difícil devido a diminuição dos peixes no Rio Tocantins. Essas mudanças são causadas pelo alto e baixo das águas no Rio que causam complicações nas fases naturais dos peixes. Ainda, mediante aos relatos trazidos pelas pescadoras, compreende-se que há uma negligência nos órgãos competentes com as comunidades que sobrevivem da pesca artesanal no rio. Nestes relatos compartilhados é possível enxergar que a construção das barragens provoca mudanças inevitáveis nas fases naturais dos rios, afetando as comunidades ribeirinhas que sobrevivem das águas.

Assim, esta pesquisa possibilita que outros estudos levantem as especificidades da vida às margens e no navegar do Rio Tocantins no extremo norte do estado, investiguem os desafios presentes nas comunidades ribeirinhas da Região do Bico do Papagaio e, possam contribuir para a permanência das políticas públicas junto a estes contextos - como é o da pesca artesanal.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- AMADO, Janaina. O grande mentiroso. Tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **História**. São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso>. Acesso em 28 de jan. 2022.
- ALVES, Andreia Duarte. **Histórias de pescadores**: memórias de vidas submersas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97674>>. Acesso em: 03 jan. 2023.
- ALENCAR, Carlos Alexandre Gomes; MAIA, Luís Parente. **Perfil Socioeconômico dos Pescadores Brasileiros**. Arquivos de Ciências do Mar. Fortaleza, nº44, v. 3, p. 12-19, 2011.
- AZEVEDO, Natália Tavares de. **Política Nacional Para o Setor Pesqueiro no Brasil (2003-2011)**. 2012. 349 p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/29268/R%20-%20T%20-%20NATALIA%20TAVARES%20DE%20AZEVEDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- BRASIL, Ministério da Pesca e Aquicultura. Secretaria de Infraestrutura e Fomento da Pesca e Aquicultura. Departamento de Fomento. Coordenação Geral e Incentivo e Apoio ao Crédito. Plano Safra Pesca e Aquicultura 2014 (**Cartilha de crédito**). Brasília/DF, 2014.
- BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim estatístico da pesca e aquicultura**. Brasília/DF, 2009a. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/files/docs/Publicidade/anu%20C3%A1rio%20da%20pesca%20completo2.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- BRASIL. Lei nº. 221, de 28 de fevereiro de 1967. **Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca**. Brasília/DF, 2009b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111959.htm.
- BRASIL. Decreto nº 8.425, de 31 de março de 2015. Regulamenta o parágrafo único do art. 24 e o art. 25 da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, para dispor sobre **os critérios da Atividade Pesqueira** e para concessão de autorização, permissão ou licença para o exercício da atividade pesqueira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8425.htm.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Pescadores artesanais**: natureza, território, movimento social. São Paulo, 2011. 143f. Tese (Doutorado em Geografia Física). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CUNHA, L. H. O. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antônio Carlos (org). **A Imagem das águas**. São Paulo, 2000. p. 15-26.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995. 269p.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Água e Cultura nas populações tradicionais brasileiras**. In: Encontro internacional: Governança da água. São Paulo: NUPAUB-USP, 2007. p.1-10.

FERREIRA, Marinho; PARENTE, Magna; GOMES, Temis. Gênero e trabalho das mulheres pescadoras dos reassentamentos rurais no extremo norte do Tocantins. **Revista Desafios**, v. 03, p. 30-33, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2016v3nespp30>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Metamorfoses da colonização: o rio Tocantins e a expansão para o oeste em mapas e relatos (século XVIII)**. Tempo. Niterói, Vol.22 n. 40. p. 367- 399, maio., 2016. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/tem/v22n40/1413-7704-tem-22-40-00367.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

LIMA; Maria Alice L.; DORIA, Carolina Rodrigues da C. FREITAS, Carlos E. de Carvalho. Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenários da atividade. **Revista Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v. XV, ano 2, p. 73-90, mai-ago., 2012.

MANESCHY, Maria Cristina; **Da casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da pesca responsável**. Proposta N°84/85 Março/Agosto de 2000.

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ÁLVARES, Maria Luzia M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2012.

MAPA do estado do Tocantins, indicando o município de Esperantina-TO. **IBGE**. Disponível em: Acesso em: 20 jan. de 2023.

MARTINS, Mary Lourdes Santana; ALVIM, Ronaldo Gomes. **Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Belém , v. 11, n. 2, 2016. p. 379-390.

MEIHY, J.C.S.B. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

MENDES, Soraya Helena de Araújo, PARENTE, Temis Gomes Parente. Invisibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**. Blumenau, v.4, n.2, 2016.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Pesca de homem/peixe de mulher (?)**: repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. *Etnográfica*, v. 3, n. 2, p. 377-399, 1999.

OLIVEIRA. Maria de Fátima. **Cidades Ribeirinhas do Rio Tocantins: Identidades e Fronteiras**. 2007. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e

Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiás. 2007.

PARENTE, Temis Gomes. **Gênero e memória de mulheres desterritorializadas**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111, jan./jun. 2007.

PARENTE, Temis Gomes. Desenvolvimento regional na perspectiva de gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 269-284, dez. 2012.

PASSOS, **Cleidiene Vieira**. Depoimento [setembro de 2022]. Entrevistadoras: Lisiane Costa Claro; Lawandala Gomes Silva. Esperantina: Acervo das entrevistadoras,2022. 59 minutos de gravação em aplicativos de smartphone. Entrevista concedida para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Tocantinópolis, 2022.

PEREIRA, **Eliete Rodrigues**. Depoimento [setembro de 2022]. Entrevistadoras: Lisiane Costa Claro; Lawandala Gomes Silva. Esperantina: Acervo das entrevistadoras,2022. 49 minutos de gravação em aplicativos de smartphone. Entrevista concedida para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Tocantinópolis,2022.

PERROT, Michelle. “ **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**”. 1.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,2017.

PERROT, Michelle. Prática da memória feminina.In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9,n. 18, ago.89/set.89, p.09-18.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História. São Paulo**, 14, fev.1997, p. 25-39.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Sentimento de Corporação, Cultura do Trabalho e Conhecimento Patrimonial Pesqueiro: Expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 1, jan/jun, 2012:8 – 27.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre história oral de mulheres. **História Oral**. v.8. n.1. jan-jun. 2005. p. 29-42

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Adriano Prysthon. **Pesca artesanal brasileira**. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2014.

SILVA, **Maria Raquel Mendes de**. Depoimento [setembro de 2022]. Entrevistadoras: Lisiane Costa Claro; Lawandala Gomes Silva. Esperantina: Acervo das entrevistadoras,2022. 56 minutos de gravação em aplicativos de smartphone. Entrevista concedida para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Tocantinópolis, 2022.

SOUSA, Claudiane de Fátima Melo. Acesso ao **Pronaf Mulher em Abaetetuba Pará: um estudo de caso**. In: IV Reunião Equatorial de Antropologia. Anais... Fortaleza/CE, 2013.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **Os lugares da História Oral e da memória nos estudos de gêneros**. OPSIS. Catalão, v.15, n. 2. 2015. p. 330-343.

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WORTMANN, Ellen F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades "pesqueiras" do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.7(18). Brasília, 1992. p. 41-60.

ZACARKIM, Carlos Eduardo et al. **The Panorama** of Artisanal Fisheries on the Araguaia River, Brazil. *Fish Sci*, [S.l], p. 409-416, fev. 2015.

ZHAO, M.; TYZACK, M.; ANDERSON, R. Etera Onoakpovike. **Women as visible and invisible workers in fisheries: A case study of Northern England**. *Marine Policy*, V. 37. 2013. p. 6976. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.marpol.2012.04.013>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

APÊNDICE ROTEIRO UTILIZADO COM AS PESCADORAS ARTESANAIS

1. Qual sua idade, data de nascimento e local?
2. Mora na comunidade de Esperantina-TO? Em qual local?
3. Qual seu nível de escolaridade? Estudou até qual série?
4. Qual o seu estado civil?
5. Se tem um companheiro, como conheceu ele? Ele também trabalha com a pesca? Ele já trabalhava antes de vocês começarem o namoro?
6. Na sua casa, há uma divisão das tarefas domésticas entre a senhora e o seu companheiro?
7. A senhora tem filhos? Quantos? Qual a idade deles?
8. Onde, atualmente, residem seus filhos? Com o que eles trabalham?
9. Quem mora com a senhora?
10. A senhora tem alguma religião? Frequenta algum local religioso? Qual?
11. Quando a senhora não está trabalhando, o que a senhora gosta de fazer?
12. A senhora vai no rio por outros motivos que não seja a pesca? Quais motivos?
13. A senhora gosta de ouvir música? Quais músicas a senhora gosta?
14. Qual a sua profissão? A senhora se dedica totalmente à pesca ou tem um outro trabalho?

Rotina de trabalho

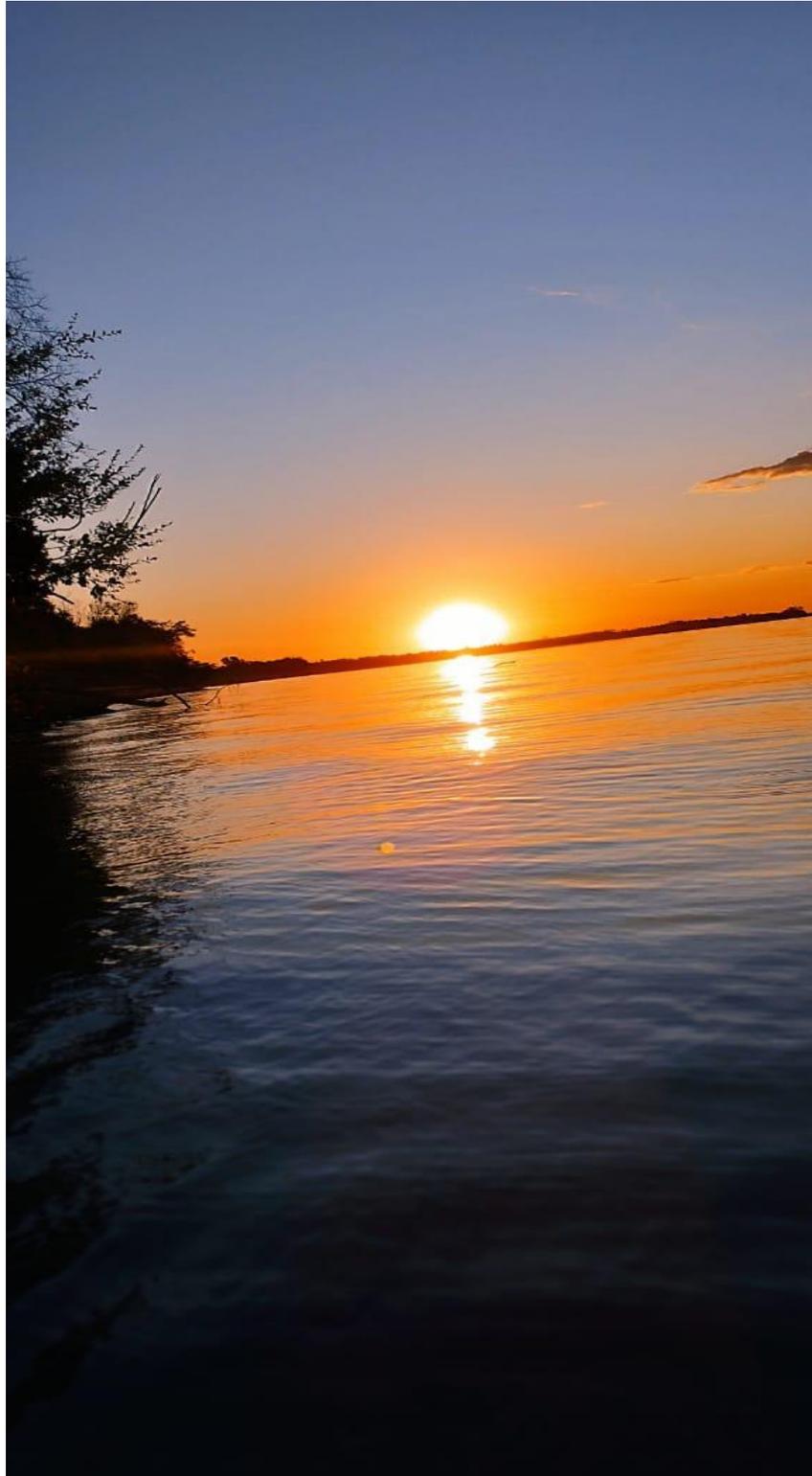
0. Quando você começou o trabalho com a pesca? Qual era sua idade?
0. Como você iniciou a vida com o trabalho na pesca?
0. Qual era a profissão dos seus pais?
0. Atualmente quem trabalha junto com você? Possui familiares que pescam com a senhora?
0. Percebe modificações nas formas de trabalho na pesca artesanal desde o período que iniciou na pesca? Quais as principais?
20. Qual a sua principal fonte de renda?
21. Você faz parte de uma ou mais organizações de trabalho (Colônia, cooperativa, associação)? Quais?
22. Como teve conhecimento dessa (s) organização (ões)?
23. Depois que ingressou na organização teve que modificar suas técnicas de trabalho na pesca? Quais? Por quê? Enfrentou dificuldades?
23. O seu trabalho é feito de que forma?
25. Onde a senhora costuma pescar (Rio Tocantins e no Rio Araguaia)? Quais são os lugares na região que dão mais peixes?
26. Caso seja distante, quantos dias a senhora fica longe e como conserva o peixe?
27. Quais são os peixes mais pescados?
28. Quantos peixes em média a senhora costuma pegar por dia de trabalho?
29. E quais as iscas utilizadas?
30. De onde vem as iscas que a senhora utiliza?
31. Além das iscas, quais são os seus instrumentos de trabalho?
32. A senhora faz alguns dos utensílios que utiliza?
33. A senhora utiliza canoa ou barco na pescaria? Onde a senhora deixa ela quando não está pescando?
34. Onde comercializa sua produção?

35. Da sua produção total, quanto mais ou menos é comercializado com auxílio da organização?
36. Você geralmente precisa complementar sua produção com produtos advindos de outros pescadores para atender a demanda dessa organização ou de outras formas de comercialização?
37. Se sim, de quantos pescadores você adquire produtos?
38. Em quais dias e horários a senhora costuma pescar? Por que nesse horário?
39. Tem épocas do ano que dão mais peixes do que outras?
40. Como a senhora lida com os períodos de cheia e seca do rio? O que essas mudanças do rio mudam no seu trabalho?
41. A senhora acha que a construção da hidrelétrica em Estreito mudou alguma coisa para os pescadores? O que?
42. No período da Piracema como fica seu trabalho no Tocantins?
43. A senhora recebe algum auxílio do governo? Qual?
44. A senhora pesca para consumo e comercialização?
45. Caso a senhora comercialize, qual a média de quantidade e valor de cada peixe por semana? Como acontece as vendas?
46. A senhora vende por encomenda?
47. Quanto a senhora costuma cobrar pelos peixes?
48. A senhora considera que o dinheiro que o senhor ganha com a pesca é suficiente para o sustento da sua família?
49. Há na comunidade atravessadores?
50. Há quanto tempo a senhora trabalha como pescadora?
51. Na sua profissão como pescadora, a senhora tem notado mudanças no modo de pescar ao longo dos anos?
52. Poderia falar um pouco de suas experiências como pescadora no rio Tocantins? Tem alguma história que a senhora gostaria de contar sobre a sua vida com a pesca?
53. O que a pesca significa na sua vida? Qual a importância dela para a senhora?
54. A senhora gosta de trabalhar com a pesca no rio Tocantins?
55. O que a senhora sente quando está pescando?
56. Se a senhora não fosse pescadora, a senhora gostaria de trabalhar com o que?

Comunidade

57. Como a senhora acha que a comunidade enxerga a profissão de pescador?
58. A senhora vê uma participação de mulheres tanto quanto a de homens na pesca?
59. Na comunidade existe a atuação de jovens nessa profissão? E de mulheres jovens?
60. A senhora acha que o trabalho na pesca para homens e mulheres é o mesmo?
61. Existe alguma atividade mais realizada por homens e outras mais por mulheres na comunidade?
62. Se sim, por que a senhora acha que tem essa diferença?
63. Na vida da pesca a senhora acha que os homens e as mulheres têm condições de fazer as mesmas atividades ou não? Por quê?
64. Para que serve a Colônia dos Pescadores? E quais são as cidades que fazem parte dela?
65. A senhora tem algum envolvimento direto na Colônia? Participa das reuniões? Se sim, com que frequência são as reuniões?
66. Quais são os assuntos que mais são discutidos nas reuniões?
67. Participa de cursos ou troca de experiências que tenham como temática a pesca? Qual a importância desses espaços para você?

68. Depois de integrada na Colônia, verificou em sua família algumas mudanças relacionadas à qualidade de vida? Quais?
69. Quais perspectivas futuras a família possui com relação ao seu trabalho na Pesca Artesanal? Essas perspectivas se relacionam com sua participação na colônia?
70. A senhora acha que há diferenças no modo de pescar daqui da cidade para outras localidades?
71. Qual a parte que a senhora considera mais difícil no seu trabalho como pescadora?
72. Já esteve envolvida em alguma situação complicada por ser pescadora? Algum conflito?
73. A senhora já ensinou a alguém pescar? Quem?
74. Seus filhos e filhas – se tiver – sabem pescar? A senhora gostaria que seus filhos e suas filhas fossem pescadores, ou, se pudesse escolher, escolheria outras profissões?
75. No caso de não haver interesse das filhas e filhos nesta profissão, por que você acha que isso acontece?
76. A senhora acredita que no futuro ainda haverá interesse das comunidades na pescaria? E das mulheres em serem pescadoras?
77. Qual o momento que a senhora considera que foi mais importante na sua vida como pescadora?
78. A senhora tem algum desejo ou sonho que a senhora ainda não realizou e que queira realizar no futuro?
79. Tem alguma outra informação que a senhora considere importante ou queira contar para nós?

ANEXO FOTOS DA PESCARIA NO RIO TOCANTINS**FOTO 1** – O espetáculo do pôr do sol do Rio Tocantins – Esperantina- TO

Fonte: SILVA (2022)

FOTO 2 - A PESCA DO ARRASTO NO RIO TOCANTINS

Fonte: SILVA (2022)

FOTO 3 - MULHERES NA PESCA ARTESANAL



Fonte: SILVA (2022)

FOTO 4 - A PESCA ARTESANAL ENTRE FAMILIARES

Fonte: SILVA (2022)

FOTO 5 - ABERTURA DA REDE DE PESCA ARTESANAL



Fonte: SILVA (2022)

FOTO 6 - ESPÉCIES DE PEIXES CAPTURADAS



Fonte: SILVA (2022)

FOTO 7 - DESEMBARAÇO DA REDE DE PESCA ARTESANAL



Fonte: SILVA (2022)

FOTO 8 - RETIRADA DA REDE DE PESCA ARTESANAL



Fonte: SILVA (2022)